

"A SELVA"

001 - EXT. AMAZÓNIA - DIA

Vista aérea da selva amazônica, densa e impenetrável. Sobre a imagem da selva surgem as legendas:

AMAZÓNIA, BRASIL - 1912

002 - EXT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS - DIA

O negro FELICIANO trabalha sozinho na sua "estrada", um trilho aberto na selva que liga várias árvores da borracha do seringal de Todos-os-Santos. O calor húmido que se faz sentir cobre-lhe a testa de gotas de suor. Subitamente, pára de trabalhar, alertado por um RUÍDO na mata que o rodeia. Olha em redor, tentando ver para lá da barreira intransponível das árvores. Leva a mão ao CRUCIFIXO de madeira que traz ao peito e aperta-o entre os dedos. Calmamente, começa a dirigir-se para o seu RIFLE, que deixou encostado a uma árvore, a alguma distância.

Uma SETA cruza o ar e quase lhe acerta, cravando-se numa árvore. Feliciano começa a correr. Seguem-se outras setas. Feliciano agarra na arma e foge pelo caminho que serpenteia entre as árvores. Correndo sempre, dispara às cegas contra os inimigos invisíveis que o perseguem.

003 - EXT. SER. DE TODOS-OS-SANTOS/ACAMPAMENTO - DIA

Num acampamento situado numa clareira da selva, composto por dois ou três BARRACÕES rudimentares, três homens são alertados pelo som dos tiros. Os seringueiros são FIRMINO, um cearense de 35 anos, de pele curtida pelo sol; AGOSTINHO, outro cearense de pele escura, ligeiramente mais velho; e PROCÓPIO, um mulato mudo de 40 e poucos anos. Firmino corre para o seu RIFLE, seguido pelos outros homens.

004 - EXT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS - DIA

Os ÍNDIOS, cujos vultos apenas se pressentem por entre as árvores, continuam a perseguir FELICIANO. Este corre

e dispara sem olhar, até descarregar a arma. Finalmente pára, escutando a floresta com ansiedade. Não ouve nada. Agarra no crucifixo e beija-o fervorosamente.

005 – EXT/SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS/ACAMPAMENTO/DIA

FIRMINO e os dois COMPANHEIROS esperam de armas em punho, olhando para o local onde a "estrada" desemboca na clareira do acampamento. O seringueiro limpa o suor da testa e avança lentamente em direcção à selva.

006 – EXT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS – DIA

FELICIANO começa a recarregar o rifle, olhando ansiosamente em redor. Com os nervos, deixa cair algumas MUNIÇÕES. Ajoelha-se para as apanhar. Uma sombra surge à sua frente. Feliciano ergue lentamente o olhar e vê um ÍNDIO, em contraluz, de FACÃO levantado. Fecha os olhos e leva o CRUCIFIXO à boca, numa prece muda. O braço do ÍNDIO desce.

007 – EXT. PARAÍSO – DIA ≠

Um FACÃO corta a parte de cima de uma grande CANA. O coxo TIAGO, um ex-escravo negro de quase setenta anos, só denunciados pelos seus cabelos brancos, leva a cana cortada à boca e bebe uma longa golada de água do seu interior. Olha com indiferença para um pequeno GRUPO de pessoas que acompanha FIRMINO em passo acelerado na direcção da casa principal – um casarão com varanda onde habita o dono do seringal. Firmino leva o RIFLE numa mão e o CRUCIFIXO de Feliciano na outra.

FIRMINO

JUCA TRISTÃO!!!... JUCA TRISTÃO!!!...

JUCA TRISTÃO, um homem de estatura média, calvo, com grande bigode, próximo dos 50 anos de idade, de chapéu às costas e um revólver à cintura, surge na varanda da casa, encarando o empregado e toda aquela agitação com uma expressão aborrecida. Traz um charuto, ainda não aceso, no canto da boca. Firmino pára à frente da varanda e fala em tom de desafio.

FIRMINO

Onde é que estavam seus homens, seu Juca Tristão? Onde é que eles estão quando é preciso nos defender?!

JUCA TRISTÃO

Tá falando do quê, moço?

Firmino ergue o crucifixo na direcção de Juca.

FIRMINO

Tô falando do negro Feliciano, seu Juca. O desgraçado está morto. Os índios mataram ele. É isto que nós recebemos em troca, miséria e morte, seu Juca! Acha isso justo?!

Atira o crucifixo na direcção de Juca, que o segura no ar.

JUCA TRISTÃO

Cuidado, Firmino. Homem nenhum fala comigo nesse jeito.

Feliciano morreu... Pois que descanse em paz! Virão outros p'ro lugar dele. Você não chegou aqui ontem. Você sabe como as coisas são. As regras aqui são essas e é desse jeito que nós temos que viver!

Atira o crucifixo para os pés de Firmino. O cearense baixa o olhar.

JUCA TRISTÃO

Isto aqui é a Amazónia, moço... é a selva!

008 - EXT. RIO AMAZONAS - DIA

Vistas aéreas do barco de rio "JUSTO CHERMONT" enquanto navega no Rio Amazonas, rodeado pela misteriosa selva da Amazónia. O rugido de uma onça mistura-se ao bater de asas das inúmeras aves da região.

(O GENÉRICO COMEÇA SOBRE ESTAS IMAGENS)

As imagens que se sucedem enquanto o "Justo Chermont" continua o seu percurso são de uma beleza indescritível.

ALBERTO (V.O.)

EMBORA NÃO PAREÇA, A SELVA TEM TANTOS ROSTOS QUANTOS OS HOMENS QUE A INVADEM EM BUSCA DA

BORRACHA — O "OURO NEGRO", COMO MUITAS VEZES
LHE OUVI CHAMAR.

009 - EXT. RIO AMAZONAS - DIA

O "JUSTO CHERMONT" vira uma curva no rio. À distância surge o recorte da cidade de Belém do Pará.

ALBERTO (V.O.)

ALGUMAS TRIBOS DE ÍNDIOS DA AMAZÓNIA
ACREDITAM QUE A SELVA NÃO PERDOA.
QUE A SELVA SE VINGA SEMPRE DE QUEM LHE FAZ
QUALQUER MAL.

010 - EXT. RIO AMAZONAS - DIA ≠

No "JUSTO CHERMONT" os passageiros amontoam-se junto a uma das amuradas.

MESTRE (O.S.)

Belém do Pará à vista! Belém do Pará à
vista!

ALBERTO (V.O.)

PELA PARTE QUE ME TOCA, ESPERO ALGUM DIA
MERECEER O SEU PERDÃO.

(TERMINA O GENÉRICO)

011 - EXT. BELÉM DO PARÁ / ZONA ANTIGA - DIA ≠

A PENSÃO FLOR DA AMAZÓNIA situa-se na zona antiga de Belém do Pará. É um edifício bonito, bem cuidado, de estilo colonial. Numa varanda da pensão está ALBERTO, um jovem português de 26 anos. Magro, de pele branca e vestido com elegância, fuma um cigarro enquanto observa o movimento na rua. Uma movimentação inesperada chama-lhe a atenção. Pela rua de terra batida aproxima-se um GRUPO de 10 ou 12 homens, caminhando em fila indiana atrás de um HOMEM a cavalo. O cavaleiro chama-se VELASCO, também conhecido como o "Galego", um emigrante espanhol de 45 anos, com patilhas e bigode, que trabalha como capataz para Juca Tristão. Os pobres caminhantes que o seguem em silêncio, de trouxas às costas, são trabalhadores que ele contratou para o seringal do patrão.

Velasco desmonta à frente da Pensão e entrega as rédeas da montada a um dos homens. Sobe as escadas, limpando a cara com um lenço.

012 - INT. PENSÃO / ENTRADA - DIA

VELASCO entra na Pensão e dirige-se ao balcão. Carrega insistentemente na CAMPAÍNHA da recepção.

VELASCO

Ó de casa! Macedo! Onde está usted?

O interior da pensão é simples, mas muito limpo e arrumado. Por trás do balcão, sobre a secretária da recepção, duas pequenas bandeirolas: uma de Portugal, ainda da monarquia, e outra do Brasil. Surge o senhor MACEDO, português, homem dos seus cinquenta e muitos anos, gordo, calças presas por suspensórios, esgueirando-se por entre uma cortina de contas de vidro.

MACEDO

Senhor Velasco! Quanta honra. Ponha-se à vontade, ponha-se à vontade.

VELASCO

Desta vez solo quedo uma noite. Levo gente nova para o seringai do Juca Tristão – e já vou retrasado.

ALBERTO surge das escadas que descem do segundo piso e passa por Velasco e Macedo, lançando-lhes um longo olhar.

VELASCO

Três desses cabras fugiram sem que eu desse por nada. Me cago en su puta madre! Les pegava dos tiros!

MACEDO

Já fez queixa na polícia?

VELASCO

Polícia... que polícia? És inútil! Esses hijos de puta só respeitam mesmo o chicote!

Olha para a porta, onde se recorta a silhueta de Alberto.

VELASCO

O que me custa é que me tenham comido por bobo!

MACEDO

Bom, não adianta chorar sobre o leite derramado. Chamo já o empregado para levar as suas malas.

VELASCO

Ele que cuide do meu cavalo primeiro. O pobre animal deve estar rebentado.

013 - EXT. PENSÃO - DIA

À porta da Pensão ALBERTO fuma um cigarro enquanto olha com desdém para os TRABALHADORES parados como um rebanho silencioso e humilde debaixo do sol abrasador. Alguns deles olham em redor, deslumbrados com a maior cidade que já viram nas suas vidas, mas a maior parte tem os olhos fixos no chão. Um EMPREGADO da Pensão vem buscar o CAVALO de Velasco. Alberto solta uma baforada de fumo, atira o cigarro para o chão e pisa-o com a ponta do pé. Depois vira as costas e regressa de novo ao interior fresco da Pensão.

014 - INT. PENSÃO / SALA - NOITE

Um ventilador de pás, preso ao tecto da sala, tenta atenuar o calor intenso que ainda se faz sentir. Deliciando-se com um prato de PIRARUCU (um tipo de peixe do Amazonas), acompanhado por um bom vinho português, VELASCO está sentado na única mesa ocupada da sala. Está lavado e bem vestido, com um fato branco de bom corte e um lenço de seda a sair do bolso do casaco. O espanhol não se sente muito à vontade com MACEDO de pé, à sua frente. Enquanto come, uma vez por outra enxuga o suor da testa com o lenço.

VELASCO

Ó Macedo, usted é que me podia fazer um pequeno favor.

MACEDO

Sempre às ordens, sr. Velasco, sempre às ordens.

VELASCO

Seria bom pôr alguém de olho nesses cabras inúteis que trouxe comigo. No vá algun otro querer fugir.

MACEDO

Mais vale prevenir do que remediar! Eu já trato disso, eu já trato disso.

Com o pretexto de também enxugar o suor do pescoço, Macedo tira do bolso das calças um LENÇO roto e amassado que envolve um grosso MAÇO DE NOTAS. Põe o dinheiro ostensivamente sobre a mesa, enquanto usa o lenço para enxugar as mãos e a testa. Dissimuladamente, observa o hóspede. Velasco olha para o dinheiro enquanto come. Macedo torna a embrulhar o dinheiro com o lenço, o que faz sem pressa, guardando-o novamente no bolso. Depois, puxa a cadeira da mesa ao lado e senta-se, com um ar conspirativo.

MACEDO

Também eu precisava que o senhor Velasco me fizesse um pequeno favor.

O espanhol olha para Macedo com curiosidade.

MACEDO

É que tenho cá um sobrinho, fugido de Portugal. Um exilado..

VELASCO

Exilado?

MACEDO

Fugiu dos republicanos, o amigo está a ver. O rapaz é monárquico, e veio para o Brasil viver como um rei – à conta do tio.

VELASCO

No vejo como o possa ajudar, amigo Macedo.

MACEDO

Os seringais têm sempre um armazém, um escritório. O de Juca Tristão não deve fugir à regra.

Velasco serve-se de mais um copo de vinho que degusta com prazer. Remove com o dedo mindinho um resto de peixe

entre os dentes. Olha para Macedo. Os dois homens medem-se.

MACEDO

O rapaz é inteligente. Estudava Direito. E ambicioso, muito ambicioso.

VELASCO

A selva é para gente forte, senhor Macedo. Gente que já se soltou da saia de su madre.

MACEDO

Quem sabe – talvez se possa diminuir o prejuízo que o amigo teve com fuga dos seus homens? O dinheiro não seria problema.

Os olhos de Velasco brilham, de vinho e cobiça, enquanto palita os dentes.

VELASCO

No posso és garantir que ele vá a trabajar nos escritórios.

MACEDO

Ora, basta-me a sua intenção. O que é garantido neste mundo, senão a morte e os impostos?

015 - EXT. PENSÃO / TRASEIRAS - NOITE ≠

ALBERTO passeia nas traseiras da Pensão. A sua curiosidade leva-o em direcção às estrebarias. Entra por uma porta lateral. O CAVALO de Velasco come num dos compartimentos. Nos outros, aproveitando os molhos de palha suja, estão deitados os TRABALHADORES contratados. Alguns já dormem, outros conversam em voz baixa, em grupos pequenos. Um reboliço junto à entrada do edifício chama a atenção de Alberto, que se esconde na sombra, junto ao cavalo.

VELASCO entra nos estábulos, com um CHICOTE numa mão e arrastando com a outra um CEARENSE de ar aflito. O nome dele é FILIPE. O EMPREGADO da Pensão vem atrás deles, com uma TROUXA na mão. VELASCO atira FILIPE para o chão, com violência.

VELASCO

O renegrado conho de tu madre! Cabron!

Dá-lhe um pontapé nas pernas.

VELASCO

Se intentas fugir outra vez, juro que te mato. A ti ou a qualquer outro hijo de mala madre.

Levanta o chicote e golpeia-o no tronco. Filipe encolhe-se, rastejando para longe. Alguns dos homens levantam-se, mas sem qualquer intenção de intervir. Alberto dá um passo em frente, hesitante. Velasco levanta o chicote e golpeia de novo Filipe. Alberto olha em redor. Abre silenciosamente a porta do compartimento do cavalo. Velasco volta a erguer o chicote.

Alberto levanta a mão e dá uma violenta palmada no lombo do cavalo de Velasco. O animal relincha e sai assustado do seu compartimento, irrompendo ao pé de Velasco. O espanhol vira-se, surpreendido, e recua um passo.

VELASCO

Quien soltou o cavalo, joder!?!...

Depois segura o cavalo, tentando controlá-lo. Filipe aproveita para rastejar dali para fora, escondendo-se junto dos outros. Na sua fuga precipitada, consegue entrever Alberto escondido na sombra. Nesse momento surge MACEDO a correr, ofegante.

MACEDO

Sr. Velasco! O que se passa, Deus meu, o que se passa?

Velasco consegue segurar o cavalo. Sem mais uma palavra, entrega-o ao empregado da pensão. Depois aponta o chicote para os restantes homens, numa ameaça muda.

Velasco vira-se e vê Alberto ao lado do tio, com um cigarro na boca e um meio sorriso cínico. Os dois homens medem-se durante um momento, até que o galego arranca em direcção à pensão, empurrando o empregado ao passar. Macedo e Alberto ficam a vê-lo afastar-se.

016 - EXT. PENSÃO - DIA ≠

Grande movimento de PESSOAS à porta da Pensão de Macedo. VELASCO, do alto do seu cavalo, dá instruções ao GRUPO DE TRABALHADORES contratados que tem sob seu comando.

Uma pequena CARRUAGEM, com o respectivo condutor, está parada a um lado.

VELASCO

Haverá duas refeições por dia e cada homem receberá uma rede de dormir. Mejor que se mantenham sempre juntos.

MACEDO (O.S.)

Senhor Velasco! Senhor Velasco!

O senhor MACEDO, sempre solícito e sorridente, de fato e chapéu na mão, sai da pensão. Ao lado está o sobrinho ALBERTO. A figura de Alberto contrasta com os outros homens. Traja fato e gravata, camisa de seda, usa óculos de aros redondos, chapéu e calça sapatos brilhantes. Carrega uma MALA DE COURO, acastanhada, que pousa no chão. No rosto tem o mesmo sorriso algo trocista. Velasco e os outros homens parecem não acreditar no que vêem.

MACEDO

Entrego-lhe o meu sobrinho, sr. Velasco. Trate-o bem.

VELASCO

Será tratado como um lorde.

Alberto olha-o imperturbável

Velasco vira de novo a atenção para os seus trabalhadores.

VELASCO

Bueno... Vamos que o barco no espera.

Com um golpe de esporas mete o cavalo a passo. Os homens põem-se em marcha atrás dele. Macedo fica só com Alberto.

MACEDO

O Raimundo leva-te no carro. Vai dar tudo certo, Alberto, não te preocupes. O amigo Velasco vai conseguir-te um bom emprego.

(sorri forçado)

Na Amazônia, tudo é possível. Hás de voltar muito rico de lá. Deus é grande, Deus é grande!

Alberto olha na direcção de Velasco.

ALBERTO

E o mundo é pequeno. Adeus, tio. Não se esqueça de enviar a carta à minha mãe.

MACEDO

Podes ficar descansado. E tu não te esqueças de escrever!

Apertam as mãos formalmente. Alberto levanta a mala de couro do chão...

017 - EXT. JUSTO CHERMONT / CONVÉS DE 2ª - NOITE ≠

... e pouisa a MALA no convés do "Justo Chermont".

Ouve-se o APITO rouco do barco anunciando a partida eminente.

ALBERTO procura com o olhar um sítio para pendurar a sua REDE DE DORMIR, que acabou de receber de um dos empregados do barco. É um verdadeiro estranho, ali de pé, a olhar para os lados, como se não acreditasse que aquele vai ser o seu lugar. Continua a despertar a curiosidade dos outros viajantes, que rapidamente se vão ajeitando nos lugares que arranjam ao longo do convés. Sempre agarrado à mala de couro, Alberto não consegue vislumbrar um lugar para se instalar no meio do labirinto de redes que ocupam já todos os lugares disponíveis.

De súbito vê o que lhe parece ser um lugar adequado. Aproxima-se dele mas um NEGRO alto e forte adianta-se, ocupando o lugar. Alberto hesita. Depois, já desesperado, atravessa o navio em direcção à outra amurada. Não tem melhores resultados. Por fim, resignado, pouisa a mala de cabedal no chão e encosta-se à amurada, olhando para as margens escuras do rio Amazonas.

018 - EXT. JUSTO CHERMONT / CONVÉS DE 2ª - DIA

ALBERTO dorme encostado à sua MALA DE VIAGEM. Tem o chapéu pousado na cara, tentando cortar o sol forte que o ilumina sem piedade. É acordado pelos salpicos de água dos MARINHEIROS que, com maus modos, baldeiam e esfregam

o convés. Durante alguns momentos fica baralhado, esfregando os olhos e tentando perceber onde está.

ALBERTO (V.O.)

AO FUGIR DE LISBOA DEPOIS DA REVOLTA FALHADA DE MONSANTO, NÃO PODIA IMAGINAR QUE IRIA ENCONTRAR-ME ALI, NO MEIO DAQUELES POBRES DIABOS, APENAS ALGUNS MESES DEPOIS.

Levanta-se e procura outro lugar onde ficar. O "JUSTO CHERMONT" atravessa a Baía de Marajós, um troço do Amazonas tão largo que não se vêem as margens e as ondas se formam como no mar. Alberto olha para a linha do horizonte, tentando talvez vislumbrar o seu Portugal distante.

019 - EXT.JUSTO CHERMONT/CONVÉS DE 2ª - DIA/MAIS TARDE

Um MARINHEIRO toca um pequeno SINO de bronze, chamando os PASSAGEIROS de 2ª classe para o almoço. ALBERTO, de MALA na mão, olha para o grupo esfomeado que instantaneamente se reúne à volta do grande PANELÃO de comida. De MALGAS (TIJELAS) na mão, cada homem empurra os restantes tentando ser servido primeiro. ALBERTO olha para cima, para o convés da 1ª classe. Vê os passageiros dirigirem-se civilizadamente para o interior do navio. Depois vira as costas à confusão e afasta-se para junto da amurada.

Está a olhar para as margens do rio, sempre iguais e sempre diferentes, quando um vulto se coloca ao seu lado. Alberto encara-o. É FILIPE, o cearense que tinha tentado fugir da Pensão. Filipe sorri para o português e estende-lhe uma MALGA (TIJELA) fumegante com comida. Alberto tenta sorrir também.

ALBERTO

Obrigado, mas — não vou comer aqui.
Obrigado.

Erguendo a mão num pedido desajeitado de desculpas, vira as costas ao outro homem, que fica com a malga (tijela) na mão, sem saber o que fazer.

020- EXT.JUSTO CHERMONT/CONVÉS DE 2ª - DIA/MAIS TARDE

Com grandes baforadas de charuto, VELASCO desce as escadas da 1ª para a 2ª classe do navio e caminha pelo convés à procura dos novos empregados. Subitamente, ALBERTO põe-se à sua frente.

ALBERTO
Senhor Velasco!

VELASCO
O que é agora, português?

ALBERTO
O Imediato não me deixou subir à 1ª classe – para o almoço.

VELASCO
E lo hice muito bem.

ALBERTO
Não foi isso que ficou combinado. O meu tio Macedo...

VELASCO
Seu tio Macedo ficou em Belém do Pará. Se no lhe gusta a situacion puede voltar... nadando. No entretanto, come como los outros. No es la miseria que seu tio pagou que vai a cambiar isso. Ficou claro?

ALBERTO
O meu tio – pagou?!!...

VELASCO
Qual é a surpresa?

Os dois homens encaram-se. Alberto não arreda pé.

ALBERTO
Quanto é que o meu tio lhe pagou?

VELASCO
O suficiente para usted não morrer de fome.
E agora...

Faz sinal a Alberto para se afastar. Alberto dá um passo para o lado. Velasco puxa a fumaça do charuto e segue em frente. FILIPE, o cearense que tinha oferecido almoço a Alberto aproxima-se de novo do português.

FILIPPE

Pode me dar um cigarro, seu moço?

Alberto olha para Filipe com indiferença, mas acaba por ceder-lhe o cigarro.

FILIPPE

Obrigado.

O cearense acende o cigarro, sempre com os olhos postos em Alberto.

FILIPPE

Nunca cheguei a lhe agradecer do outro dia.

ALBERTO

Não precisa.

FILIPPE

Tome cuidado com esse espanhol. O homem é unha e carne com o patrão.

Alberto acende também um cigarro para si. Olha para Filipe e, batendo com os dois dedos que pegam o cigarro na própria testa, faz o gesto clássico de agradecimento.

020 - EXT. JUSTO CHERMONT / CONVÉS DE 2ª - CREPÚSCULO

O dia aproxima-se do fim. No convés de 2ª classe do navio um GRUPO de homens sem maneiras disputa o serviço do jantar, empurrando-se à volta do PANELÃO. ALBERTO, de olhos baixos, retira uma MALGA (TIJELA) de uma pilha e junta-se aos restantes contratados.

ALBERTO (V.O.)

NESSE MOMENTO, LEMBREI-ME DE ALGUNS DOS MEUS COMPANHEIROS MONÁRQUICOS.

IMAGINEI-OS ALMOÇANDO NO RITZ EM PARIS, CONVERSANDO PELA NOITE FORA, COM UM BOM CONHAQUE NUMA MÃO E UM CHARUTO NA OUTRA.

PELA PRIMEIRA VEZ, SENTI-ME VERDADEIRAMENTE SÓ NO MUNDO.

021 - EXT. RIO AMAZONAS - DIA

O barco avança pelo rio Amazonas, visto em ângulos, distâncias e horas diferentes. As imagens realçam a beleza e grandiosidade da selva amazônica.

Sobre a imagem aparece a legenda:

UMA SEMANA MAIS TARDE

ALBERTO está sentado no convés, encostado à sua MALA. O rosto e as roupas do português começam a mostrar o desgaste provocado pelos muitos dias de viagem. Observa uma MULATA de meia idade que está deitada numa rede, a falar animadamente com um NEGRO. O homem mete-lhe a mão por entre as pernas e a mulher ri-se. O homem olha em volta e deita-se com na mesma rede. Os dois corpos ajeitam-se dentro da improvisada cama. FILIPE, o cearense, senta-se ao lado de Alberto.

FILIPE

Se o seu Alberto quiser, lhe apresento a mulata. Para um moço tão branquinho como você ela até faz um preço especial.

ALBERTO

Não, não é preciso. Obrigado.

FILIPE

Está esperando por Manaus? Faz muito bem. Lá é que as mulheres são gostosas.

Alberto não responde, mas oferece um cigarro a Filipe, que aceita com gosto. Apercebem-se que, dentro da rede, o homem e a mulher estão a ter relações sexuais. Outro HOMEM aproxima-se e senta-se numa rede ao lado, como numa sala de espera.

FILIPE

Está pensando ir a terra em Manaus?

ALBERTO

Ainda não sei, Filipe. Tenho pouco dinheiro.

FILIPE

Não brinque comigo, seu Alberto. E mesmo que assim fosse, as mulheres lá não são mais caras que essa negra aí. E são muito melhores. Vamos os dois juntos, seu moço. Meu primo me disse onde procurar.

ALBERTO

Talvez vá, sim...

023 - EXT. JUSTO CHERMONT / CONVÉS DE 2ª - DIA 7

O MESTRE DO BARCO anuncia a chegada à cidade de Manaus.

MESTRE DO BARCO

Manaus à vista! Manaus à vista!

ALBERTO aproxima-se dele, abandonando a mala por momentos.

ALBERTO

O mestre também é português?

MESTRE DO BARCO

Já nem sei bem. Os meus pais eram Transmontanos, de Miranda do Douro, vieram para o Brasil quando eu tinha dez anos. Só me lembro duma bonita igreja com duas torres – e das muralhas de um castelo.

Aponta para a MALA DE CABEDAL de Alberto.

MESTRE DO BARCO

Cuide das suas coisas, moço. Aqui ninguém é de confiança.

O Mestre deixa Alberto e continua sua caminhada.

MESTRE DO BARCO (O.S.)

Manaus à vista!

Alberto agarra na mala. Olha para ela, sem saber o que lhe fazer.

Cria-se alguma excitação entre a gente do convés e as PESSOAS dirigem-se para a amurada do barco.

024 - EXT. JUSTO CHERMONT / CONVÉS DE 2ª - DIA

O "JUSTO CHERMONT" já está fundeado no porto de Manaus e inúmeras CANOAS cercam-no, para levar os passageiros a terra. Algumas PESSOAS começam a descer para as frágeis embarcações. ALBERTO encaminha-se para a amurada.

VELASCO (O.S.)

Português!

Alberto vira-se na direcção de onde veio a voz. Vê VELASCO rodeado pelos TRABALHADORES que contratou.

VELASCO

Venha aqui, português.

Alberto caminha até ao grupo.

VELASCO

Nenhum trabalhador contratado pode descer em Manaus. Ficam no barco e recebem uma ração a mais de comida.

ALBERTO

(interrompendo)

Não gaste o seu latim comigo. Eu desço.

Os homens à volta de Velasco abrem o círculo. Alberto e Velasco encaram-se.

ALBERTO

Desço em Manaus – e ninguém me vai impedir!

O espanhol, evitando o confronto, retira-se e caminha em direcção às escadas que levam à 1ª classe. Ao subir o primeiro degrau, ouve Alberto chamar.

ALBERTO

Seu Velasco!

Velasco não se vira.

ALBERTO

Nem todo o dinheiro do meu tio paga a minha liberdade!

A mão de Velasco, apoiada no corrimão, crispa-se. Furioso, apaga o toco de charuto com um dos pés no degrau da escada. Em seguida, continua a subir sem nada responder. Os homens olham para Alberto com surpresa e alguma admiração.

025 - EXT. MANAUS / PORTO - DIA

ALBERTO, numa canoa manobrada por um MULATO, navega pelo meio de uma infinidade de outras pequenas embarcações em direcção ao cais. Entre os joelhos leva presa a sua preciosa MALA DE CABEDAL.

026 - EXT. MANAUS / PRAÇA - DIA

ALBERTO encontra-se numa praça da zona comercial, com vários VENDEDORES AMBULANTES à sua volta. Suado e com sede, compra a quarta parte de um ABACAXI, que vai comendo enquanto caminha.

027 - EXT/INT. ÓPERA DE MANAUS - DIA ≠

ALBERTO depara com o edifício imponente da ÓPERA DE MANAUS. Atraído como um íman por aquele monumento da civilização, transpõe as portas para o seu interior, que percorre, encantado.

028 - EXT. MANAUS / RUA COMERCIAL - DIA

ALBERTO caminha por uma rua de edifícios e casas comerciais, levando o casaco pendurado às costas. Observa com atenção o nome dos estabelecimentos comerciais. Lava as mãos num CHAFARIZ de rua e enxuga-as com um LENÇO que tira do bolso traseiro das calças. Veste o casaco e dirige-se para uma das firmas, identificada por uma placa que diz "J.B. DE ARAGÃO".

029 - INT. RECEPÇÃO DA FIRMA - DIA

No hall da entrada, em ambiente sóbrio e de pouca luz, ALBERTO espera que o HOMEM DO GUICHET lhe preste atenção. Pigarreia, para o outro perceber a sua presença. Finalmente, o empregado arruma vagarosamente os papéis que estava a consultar e digna-se dar a sua atenção ao jovem português, olhando-o através da janelinha de grades.

ALBERTO

Com licença. Muito bom dia!

HOMEM DO GUICHET

Boa tarde.

ALBERTO

Era para falar com o Senhor Aragão.

HOMEM DO GUICHET

O Comendador está à sua espera?

ALBERTO

Não exactamente. Quer dizer – está, mas ainda não sabe. São dois minutos apenas. É um caso urgente.

O homem olha para ele por cima dos óculos, com ar duvidoso.

030 - INT. ESCRITÓRIO DO COMENDADOR - DIA

Uma porta pesada de madeira abre-se e faz surgir a figura meio tímida de ALBERTO.

ALBERTO

Dá-me licença?

COMENDADOR (O.S.)

Entre, entre.

A sala é larga e confortável com leves cortinas nas janelas, uma estante de livros comerciais numa das laterais e quadros de navios dependurados nas paredes. Há uma belíssima ARARA num poleiro num dos cantos da sala e um pequeno MACACO, preso pela cintura, que caminha no canto oposto ao da arara. O COMENDADOR ARAGÃO, tipo exótico e ligeiramente afectado, é um português dos seus cinquenta e tal anos, calvo e de vastos bigodes grisalhos. Tem vestido por cima da roupa um roupão de seda azul e escarlate e está sentado à secretária, cheia de livros e papéis. Olha com alguma curiosidade para a figura do jovem à sua frente. Acaricia um GATO gordo e branco que tem ao colo.

ALBERTO

É o senhor – o senhor comendador?

COMENDADOR

Eu mesmo. O que deseja?

ALBERTO

Eu sou um exilado político. Português também, como já percebeu. Sou monárquico...

COMENDADOR

(interrompendo)

Pois eu sou republicano.

Alberto engasga-se com a brusquidão da resposta. Há um pequeno e constrangedor silêncio. O Comendador volta aos seus papéis, deixando o gato de lado.

ALBERTO

Perdão, mas – por ser Comendador... pensei que...

COMENDADOR

Acontece muito. O que é que deseja? Vá directo ao assunto, rapaz.

ALBERTO

Encontro-me sem recursos. E como vossa excelência tem uma grande casa comercial – vinha pedir-lhe emprego.

O Comendador levanta-se e vai para o pé do macaco. Começa a acariciar-lhe o pelo das costas. O macaco brinca com ele.

COMENDADOR

Emprego? Meteu-se em sarilhos e agora quer emprego? Para eu dar emprego a todos os moços que me procuram tinha de ser dono de todo o comércio de Manaus.

Depois muda de expressão, olhando Alberto com um sorriso ligeiramente enigmático. Dá um beijo leve no focinho do macaco.

COMENDADOR

A não ser que...(hesita)
Não, esqueça.

Larga o macaco de novo no poleiro e dirige-se para a secretária.

COMENDADOR

Sabe como é que eu apanhei esse macaco? Faz alguma ideia?

ALBERTO

Não, realmente não... Eu tenho algumas habilitações, até já seria advogado se não fosse...

COMENDADOR

Meti uma banana dentro de um jarro – um jarro de gargalo estreito. O macaco cheirou-a, meteu a mão pelo gargalo, agarrou na banana, puxou. Mas não conseguiu tirá-la para fora.

Vira-se de novo para Alberto.

COMENDADOR

Em vez de deixá-la e fugir, não – não foi capaz de a largar. Deixou-se ficar ali, agarrado a um sonho, até ser apanhado. Cresça, rapaz. Os grandes ideais são para as crianças. Os homens têm a vida para viver.

O Comendador mete a mão no bolso e retira um pequeno maço de notas.

COMENDADOR

No momento não preciso de empregados. Mas...

Separa duas ou três e estende-as a Alberto.

COMENDADOR

Pegue lá! De um português para outro.

Alberto olha escandalizado para o Comendador.

ALBERTO

Eu – eu não vim aqui pedir esmola. Vim pedir trabalho. TRABALHO!

Alberto sai batendo a porta. O Comendador encolhe os ombros e volta guardar o dinheiro.

031 - EXT. JUSTO CHERMONT / CONVÉS DE 2ª - CREPÚSCULO

Os rostos de alguns dos TRABALHADORES contratados, entre os quais FILIPE, vão-se revelando um a um. Têm sua atenção voltada para ALBERTO, que fala O.S., sem grande entusiasmo.

UM TRABALHADOR

E então? Como é a cidade?

ALBERTO (O.S.)

É bonita.

OUTRO TRABALHADOR

Conseguiu saber o preço da borracha?

ALBERTO (O.S.)

Continua a descer, pelo que percebi.

FILIFE

E as mulheres?

ALBERTO (O.S.)

Está cheia de mulheres boas. Tal como você disse...

Vemos finalmente ALBERTO, encostado à amurada do "JUSTO CHERMONT". O seu último comentário provocou uma onda de entusiasmo na audiência. Mas Alberto nem repara: os seus olhos fixaram-se no convés de 1ª classe, onde VELASCO fuma e observa a cena. Satisfeito com a sua "vitória", o espanhol puxa uma baforada do charuto e sopra para o ar. O APITO do navio toca, anunciando a partida de Manaus.

032 - EXT. RIO MADEIRA - CREPÚSCULO ≠

Imagens do "JUSTO CHERMONT" a navegar no Rio Madeira, um afluente do Amazonas.

ALBERTO (V.O.)

SAINDO DE MANAUS, DEIXAVA PARA TRÁS OS ÚLTIMOS VESTÍGIOS DA CIVILIZAÇÃO E PENETRAVA NUM MUNDO DIFERENTE DE TUDO O QUE TINHA CONHECIDO ATÉ AÍ.

033 - EXT. JUSTO CHERMONT / CONVÉS DE 2ª - NOITE

A meio da noite ALBERTO é acordado por um ruído saído da escuridão. Esfrega os olhos, tentando ver por trás da cortina negra da noite.

ALBERTO (V.O.)

NESSA MESMA NOITE ENTRÁMOS NO RIO MADEIRA —
O RIO DA MORTE, COMO OS NOSSOS ANTEPASSADOS
L H E C H A M A V A M .
EM BREVE EU DESCOBRIRIA PORQUÊ.

Alberto levanta-se para investigar a origem dos ruídos. Finalmente, descobre-a. Em pleno convés de 2ª estão dois AJUDANTES DE COZINHA a desmanchar a CARCAÇA de uma vaca.

Um dos homens ergue-se, coberto de sangue, vermelho como um demônio. Olha para Alberto, inexpressivo. Na mão segura um FACÃO que deixa pingar sangue para o convés. Alberto, horrorizado com a cena, vira-lhe as costas e afasta-se rapidamente.

034 - EXT. JUSTO CHERMONT / CONVÉS DE 2ª - DIA

Os VIAJANTES, espalhados pelo chão e pelo emaranhado de redes, dormitam. Algumas CRIANÇAS divertem-se a correr atrás de GALINHAS. ALBERTO tem o rosto suado. De camisola interior, o jovem barbeia-se com uma NAVALHA, diante de um pequeno ESPELHO. Faz um ligeiro GOLPE no pescoço.

ALBERTO

Merda!

Enquanto limpa o sangue, um movimento no espelho chama-lhe a atenção. Um VULTO, de gatas, caminha por entre as redes. Aproxima-se da MALA DE CABEDAL de Alberto e estende a mão. Quando agarra na pega da mala, Alberto vira-se e, de navalha erguida, pontapeia o tronco do homem. Este revira-se no chão, revelando umas feições conhecidas.

ALBERTO

Filipe?!

O cearense encara-o por um momento e cospe para o lado. Depois atira-se contra ele, empurrando-o pela cintura. Alberto e Filipe rolam pelo chão. O português não larga a navalha de barbear. Os outros viajantes levantam-se com aquele reboliço. Uma criança foge com a galinha ao colo. Filipe está em cima de Alberto, imobilizando-o com o seu peso. Agarra no pulso do português e empurra a mão para cima, aproximando-lhe perigosamente a navalha do pescoço. Os companheiros de viagem rodeiam-nos, mas sem intervir. Filipe é mais forte do que Alberto e, milímetro a milímetro, vai empurrando a navalha. De súbito VELASCO surge por cima dele e pontapeia-o com violência, atirando-o contra a amurada.

VELASCO

Chega, seus sem-vergonha. Não quero perder mais nenhum homem.

Reforçando o que disse, pisa o pulso de Alberto, imobilizando-lhe a mão da navalha.

VELASCO

Eu sabia que você me ia trazer problemas. Eu sabia...

ALBERTO

Ele – ele estava a tentar roubar-me! Ele é o culpado, não eu!

Velasco olha para o cearense. Filipe, encolhido, não tenta negar.

VELASCO

(para Filipe)

Venha comigo, hijo de puta.

(para Alberto)

Com usted yo hablo despues...

Afasta-se de Alberto, que fica a esfregar o pulso dorido. Na ponte, o MESTRE anuncia a chegada ao próximo destino.

MESTRE DO BARCO

Paraíso à vista! Paraíso à vista!

A multidão dispersa-se, correndo para a amurada. Alberto fica sozinho, ajoelhado no convés.

035 - EXT. PARAÍSO / CAIS - DIA / MAIS TARDE

O "JUSTO CHERMONT" já está ancorado no pequeno cais do seringal de Paraíso, a propriedade de Juca Tristão. A PRANCHA é estendida do portaló do barco ao barranco junto ao ancoradouro. O GRUPO de maltrapilhos avança pela prancha, todos curiosos por desvendar o cenário à sua frente, onde se destacam TRÊS BARRACÕES e uma CASA GRANDE. Por sua vez, são também observados por alguns dos HABITANTES locais.

No barco, VELASCO espera que ALBERTO passe ao pé de si. Depois corta-lhe a passagem, encostando-lhe o cabo do chicote ao peito.

VELASCO

Bem-vindo ao seringal do Paraíso. Que, para ti – va ser un inferno.

Alberto hesita, mas prefere ficar calado. Velasco sorri e começa a descer pela prancha.

036 - EXT. PARAÍSO / RUA DO CAIS - DIA ≠

Na rua em frente ao ancoradouro, as PESSOAS dão passagem a JUCA TRISTÃO que caminha em direcção ao "JUSTO CHERMONT" com passos decididos. É acompanhado por dois de seus empregados de confiança, CAETANO e ALEXANDRINO,. Camisa de linho, suspensórios, chapéu panamá sobre a cabeça e o charuto havana denunciam o "status" do fazendeiro que, ignorando à passagem os novos trabalhadores, vai dar um forte abraço a VELASCO, que desceu ao seu encontro.

JUCA TRISTÃO

(para Caetano)

Leva os homens para a inspecção.

(para Velasco)

E você, seu espanhol safado, continua vivo?

Venha daí.

Os olhos atentos de ALBERTO observam tudo, enquanto caminha em território novo: a conversa entre Juca Tristão e Velasco, que olham de vez em quando na sua direcção; o ar duro e eficiente dos dois homens de mão de Juca Tristão; um NEGRO COXO que atravessa a rua puxando um cavalo pelo cabresto; e, ao aproximar-se da casa principal, a presença de uma BELA MULHER debruçada numa das janelas.

037 - EXT. PARAÍSO / ARMAZÉM - DIA ≠

Junto à porta do barracão que serve de armazém e escritório do seringal, CAETANO apresenta ALBERTO a FIRMINO, que já conhecemos da cena inicial.

CAETANO

Está aí o seu homem. Você cuida dele lá em Todos-os-Santos. E nada de malandragem..

FIRMINO

(para Alberto)

Muito prazer. Firmino.

ALBERTO

Alberto.

O cearense olha duvidoso para Alberto.

FIRMINO

Tem certeza de que veio trabalhar no seringal?

ALBERTO

Espero que não – não estou a perceber.

JUCA TRISTÃO, sempre acompanhado por VELASCO, surge à porta do armazém para falar aos recém-chegados. Sobe para cima de um caixote. Alguns dos trabalhadores são mostrados com destaque, em particular Firmino e Alberto.

JUCA TRISTÃO

Silêncio! Todos calados! Cada um de vocês já sabe onde vai acampar. Os que nunca trabalharam uma seringueira têm uma semana para aprender. Ao fim desse tempo meus fiscais irão inspeccionar o trabalho dos "brabos" – e é melhor que não voltem aborrecidos...

(pausa)

Quem não trabalhar não recebe. As contas são acertadas no final de cada semana – e sobretudo, nada de vagabundagem.

Juca faz um gesto com a mão, acenando para a direita. Os homens acompanham o seu olhar e vêem CAETANO e ALEXANDRINO. Os dois capatazes arrastam FILIPE. Deixam-no cair no chão. O cearense está todo coberto com nódoas negras, equimoses e sangue seco. Mal consegue manter os olhos abertos.

JUCA TRISTÃO

Aí esse amigo entrou com o pé errado. É claro que tropeçou – e caiu.

(ameaçador)

O próximo nunca mais se levanta.

(mudando de tom)

Os antigos que informem as demais regras aos "brabos". Agora, bom trabalho.

Alberto ergue um braço e interpela o patrão.

ALBERTO

Desculpe, senhor Juca Tristão! Mas – eu não vou para o meio do mato, pois não? Eu vim trabalhar no escritório.

Juca solta uma gargalhada, acompanhado por Velasco. O riso estende-se a todos os presentes. Só Firmino mantém a cara séria.

JUCA TRISTÃO

O escritório não está precisando de pessoal, portanto você vai para a mata. Ou será que você se acha bom demais para trabalhar com as mãos?

Alberto fica sem resposta. Juca vira as costas e entra no armazém. Velasco demora uns instantes mais, gozando ainda a decepção de Alberto.

038 - INT. ARMAZÉM / BALCÃO - DIA

O interior do armazém está cheio de barris, sacos e caixas diversas. Num dos lados há um grande balcão de madeira, atrás do qual um grande armário de gavetas e prateleiras guarda os bens essenciais. ALBERTO, acompanhado por FIRMINO, pousa a sua MALA DE COURO sobre o balcão.

ALBERTO

O que é um "brabo"?

FIRMINO

Um novato – como você. Vamos lá ver do que é que vai precisar. Uma tigela e talheres... uma garrafa de cachaça...

ALBERTO

Eu não bebo.

FIRMINO

Mas outros bebem... E é bom pensar também nos outros... o machadinho não precisa, tenho um lá que ainda dá para o gasto... um terçado – é sempre bom por causa do mato ou das cobras.

O empregado de balcão vai trazendo as coisas à medida que Firmino as vai pedindo. É um homem alto, de 35 anos, alourado, vestido com um dólman, a quem chamam o

ARGENTINO. De tudo o que entrega anota os preços num caderno. ALBERTO vai espreitando os preços que ele assenta.

ARGENTINO

(para Alberto)

Essa mala aí – quer me vender? Não vai levar ela para o mato, ou vai?

Alberto olha para o Argentino como se não tivesse percebido a pergunta. Pousa a mala no chão e fala para Firmino.

ALBERTO

Estes preços – estão certos?

Firmino cruza o olhar com o Argentino.

FIRMINO

(irónico)

Aqui os preços estão sempre certos.

(para o Argentino)

O moço não quer vender a mala. Mas não se preocupe, não – quando ele morrer eu lhe faço um precinho camarada.

039 - EXT. RUA DO ARMAZÉM - DIA ≠

ALBERTO e FIRMINO, no exterior do armazém, preparam-se para entrar na mata. Ajeitam os apetrechos às costas.

O guarda-livros e gerente da propriedade, GUERREIRO, sai do armazém. É um homem de 50 anos, magro e um pouco encurvado, vestido com sobriedade. Vem acompanhado por D. YÁYÁ, 35 anos, a sua mulher. É a mesma que Alberto viu na janela da casa grande e a sua beleza é realmente admirável.

Alberto olha para D. Yáyá. A mulher também repara nele. Com o seu fato, gravata e sapatos de verniz, o português destaca-se no meio dos restantes trabalhadores.

FIRMINO

Tenha cuidado, moço. Aqui todas as mulheres têm dono.

Alberto continua a acompanhar a senhora com o olhar.

FIRMINO

Esse aí é o sr. Guerreiro, o gerente aqui do seringal. A mulher é Dona Yáyá.

ALBERTO

E uma bela mulher, por sinal.

FIRMINO

É sim, mas não é para o nosso bico...
(começando a andar)

Vamos andando que a caminhada é longa.

Alberto, que tem um SACO DE SERAPILHEIRA às costas, e a MALA DE COURO numa das mãos, encara a trilha à sua frente: um caminho cujo começo mal se percebe, rasgando uma selva imponente, imensa, perigosa. Os dois homens iniciam a caminhada em direcção ao acampamento.

040 - EXT. TRILHA NA SELVA - DIA

Sequência de cenas em que ALBERTO e FIRMINO caminham por trilhas na selva. Aos olhos de Alberto esta apresenta-se como um labirinto caótico.

ALBERTO (V.O.)

MAL ENTREI NAQUELE LABIRINTO DA FLORESTA FUI
POSSUÍDO PELO MEDO DE FICAR ALI ENTERRADO,
PARA SEMPRE, SEM NINGUÉM PARA DAR NOTÍCIAS
MINHAS A LISBOA.

Enquanto caminham, os dois novos companheiros vão-se observando mutuamente.

ALBERTO (V.O.)

NEM MESMO O À-VONTADE DO MEU NOVO
COMPANHEIRO ME SERVIU DE CONSOLO NO MEU
PRIMEIRO CONTACTO COM A SELVA.

041 - EXT. TRILHA NA SELVA / CLAREIRA - DIA ≠

Exausto, ALBERTO encosta-se a uma árvore e pousa os sacos. FIRMINO continua a andar.

Alberto tira uma cigareira do bolso e abre-a. Olha em redor.

Uma COBRA NEGRA, grande, atravessa o trilho a alguns passos de distância. O português fixa-a durante alguns instantes, fascinado. Depois, assustado, agarra nas suas coisas e corre atrás de Firmino, sem chegar a acender o cigarro.

FIRMINO

Bonita cobra, não é mesmo, moço?

ALBERTO

É venenosa?

FIRMINO

Não tanto como Velasco.

Os homens continuam a caminhar em silêncio.

042 - EXT. TRILHA NA SELVA - DIA

Continuam o caminho. ALBERTO vai ficando progressivamente mais exausto. Vemos que não está minimamente preparado para aquele tipo de esforços. A certa altura, Alberto tropeça numa raiz e cai de joelhos. FIRMINO olha para ele e hesita, mas Alberto levanta-se, com esforço.

043 - EXT. TRAVESSIA DE RIBEIRO - CREPÚSCULO

ALBERTO e FIRMINO chegam a um pequeno rio, que alguns metros à frente desemboca numa magnífica cachoeira. Começam a atravessar, caminhando cuidadosamente sobre grandes pedras colocadas no curso da água. De súbito, Alberto escorrega e cai na água. Na atrapalhão solta a MALA DE COURO, que começa a ser arrastada pela corrente. Alberto tenta levantar-se, mas as pernas falham-lhe e volta a cair. Firmino corre e consegue agarrar na mala no momento em que esta ia entrar no turbilhão da cachoeira. Depois volta à trilha, carregando a mala. Alberto ergue-se e segue-o, envergonhado mas agradecido.

044 - EXT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS - NOITE

Chegam ao acampamento do seringal de Todos-os-Santos, onde ALBERTO e FIRMINO vão trabalhar. É de noite e na escuridão só se distinguem os vultos de algumas construções. Firmino, ainda carregando a MALA de Alberto, dirige-se a uma delas, uma BARRACA suspensa a

quase um metro do chão, e afasta uma manta que serve de porta.

FIRMINO

Sua nova casa é aqui, seu Alberto. Suba.

Entra, seguido pelo português, que se arrasta com dificuldade para o interior.

FIRMINO

Não é de luxo, mas dá para o gasto.

Alberto está completamente exausto. Deixa-se cair para um canto da barraca e adormece imediatamente, sem sequer olhar em volta. O RUGIDO selvagem de uma onça ecoa pela mata.

045 - INT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS / BARRACA - DIA

Os primeiros raios de sol entram pelas frestas entre as tábuas da barraca. ALBERTO está a dormir profundamente. FIRMINO, bem-disposto, aproxima-se com uma CANECA DE CAFÉ fumegante e coloca-a perto do nariz do português. Alberto abre os olhos, estremunhado.

FIRMINO

Tome o café e pule da cama. Já chega de vagabundagem.

Alberto aceita a caneca e levanta-se para acompanhar Firmino até ao exterior. Quando se ergue faz um esgar de dor. Enquanto anda massaja as pernas doridas.

046 - EXT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS - DIA

ALBERTO vê pela primeira vez o acampamento de Todos-os-Santos. É composto por DUAS BARRACAS de madeira, suspensas a um metro do chão por grossos troncos, e mais algumas pequenas EDIFICAÇÕES de arrumos. No exterior, preparando-se para iniciar a jornada, já estão dois outros homens que vimos nas cenas iniciais: AGOSTINHO e PROCÓPIO. FIRMINO faz as apresentações.

FIRMINO

Este é o Agostinho, um cearense como eu...

ALBERTO

Olá.

Agostinho limita-se a acenar com a cabeça em resposta.

FIRMINO

... e esse aí é o Procópio. Como é mudo que nem uma rocha, e não sabe ler nem escrever — não sabemos de onde é.

Procópio estende a mão, que Alberto aperta. Com um grande sorriso, o mulato sacode-lhe a mão exageradamente.

AGOSTINHO

Vai trabalhar assim? Com essa roupa de cidade?

FIRMINO

O homem veio de longe, Agostinho, e caiu aqui no seringal.

AGOSTINHO

De onde você é?

ALBERTO

De Lisboa.

AGOSTINHO

Isso fica perto de S.Paulo?

ALBERTO

Um pouco mais longe. Em Portugal.

AGOSTINHO

Não sei onde é, não senhor.

Agostinho vira as costas e parte para a mata. Procópio tira uma HARMÓNICA do bolso, que começa a tocar. Com um aceno faz o mesmo.

FIRMINO

O Agostinho tem esse jeitão de ser, mas é boa pessoa. E o Procópio — bom, esse é um santo.

Firmino agarra Alberto pelo braço e puxa-o para a barraca.

FIRMINO

Venha, vou lhe arranjar uma roupa decente.

047 - EXT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS / ESTRADA - DIA

O sol já está muito forte, filtrado pelas ramagens das árvores. FIRMINO e ALBERTO estão numa "estrada" do seringal. Firmino, sempre de RIFLE às costas, ensina a Alberto, já vestido como os outros seringueiros, a trabalhar na recolha do látex.

FIRMINO

Tem que riscar com o machadinho assim, do lado para o centro. Faz o primeiro V e depois é só ir ferindo o tronco na mesma posição, começando aqui no meio. Assim - ó...

Firmino mostra como se faz.

ALBERTO

Aquela ali está riscada desde cima.

FIRMINO

Foi o filho da puta do Feliciano - que a sua alma descanse em paz.

ALBERTO

Morreu?

FIRMINO

Mas antes de morrer quase que matava todas as árvores.

ALBERTO

Não percebo...

FIRMINO

Quando se corta mais lá p'ra cima, sai mais borracha - mas a árvore morre mais cedo. Seu Juca não gosta disso.

ALBERTO

Não, o que eu não percebi é - como é que ele morreu? O Feliciano.

FIRMINO

Uma hora destas eu lhe conto. Esta aqui era a "estrada" dele mas agora vai ser sua. Tem que tratar bem dela.

Estende o machadinho a Alberto.

048 - EXT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS / ESTRADA - DIA

7

FIRMINO e ALBERTO caminham noutro ponto da "estrada".

Passam por uma árvore grande. Uma FLECHA está espetada no tronco.

Firmino hesita.

FIRMINO

Foi aqui que os índios atacaram e mataram meu compadre Feliciano.

Firmino, ligeiramente comovido pelas lembranças, mostra a Alberto a ponta da flecha cravada no tronco da árvore.

FIRMINO

Aqui mesmo...

Firmino volta a caminhar. Alberto, que ficou a olhar para a flecha, impressionado, corre atrás do companheiro e caminham juntos em silêncio.

ALBERTO

(quebrando o silêncio)

Foram mesmo os índios... que mataram esse Feliciano?

FIRMINO

Se não acredita, pode perguntar ao próprio.

(pausa)

Só tem que encontrar a cabeça dele.

049 - EXT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS. DIA

7

ALBERTO e os restantes trabalhadores do acampamento de Todos-os-Santos partem para o trabalho.

FIRMINO

Hoje você já vai sozinho. Eu tenho minha estrada para cuidar...

Os homens separam-se, cada um para o seu trilho na selva.

Alberto agarra no machadinho e, respirando fundo, põe-se também a caminho.

050 - EXT. CASA DE JUCA TRISTÃO / VARANDA - DIA

Em frente à varanda da casa grande, VELASCO e CAETANO estão montados nos seus cavalos a receber instruções de JUCA TRISTÃO.

JUCA TRISTÃO

Quero rigor. Nada de contemplação com os mais novos. Não estou aqui para perder dinheiro com esses vagabundos.

Caetano, atento à conversa, aproveita para picar Velasco, um dos seus passatempos favoritos.

CAETANO

Principalmente esse português manhoso.

VELASCO

O português é assunto meu, e assunto meu eu resolvo à minha maneira.

(para Juca)

O patrão pode ficar descansado. Mais alguma coisa?

JUCA TRISTÃO

Não. Podem ir.

Os dois empregados afastam-se pela rua em direcção à selva. Ao passarem pela manjedoura, próxima ao casarão, Caetano chama o coxo TIAGO pela sua alcunha.

CAETANO

Estica! Ó Estica! Levanta essa bunda do chão, homem. Respira para outro lado, vá, que com esse bafo você ainda mata os cavalos.

Tiago, que está perdido de bêbado, vira-se colérico.

TIAGO

Vai mexer com a sua mãe, filho de uma égua! Corno do caralho, você e esse espanhol de merda... São todos uns safados, filhos da puta. Espero que um índio lhes corte a cabeça e dê o resto de comer aos jacarés.

Os dois homens riem, esporeiam os cavalos e partem a galope.

051 - EXT. TRILHA NA SELVA - DIA

VELASCO e CAETANO cavalgam rapidamente pela selva em direcção aos acampamentos que vão fiscalizar. As suas capas compridas de pano ondulam ao vento.

052 - EXT. LAGO DE ASSU / CASA DE LOURENÇO - DIA

Chegam ao lago de Assu, onde vive o caboclo Lourenço com a sua família. CAETANO segue caminho, despedindo-se com um simples aceno, mas VELASCO desce da sua montaria junto a LOURENÇO. Este está sentado à porta da casa a reparar uma REDE de pesca, feita a mão.

VELASCO

Buenos dias, Lourenço.

LOURENÇO

'n dia, seu Velasco. Como vai o senhor?

MARIANA, filha de Lourenço, com catorze anos, mas já com o seu corpo de mulher a formar-se, aparece à porta do barracão. Ao ver a menina, Velasco retira alguma coisa de dentro do alforje do cavalo.

VELASCO

Veja o que eu trouxe para si, Mariana. De Belém do Pará.

Estende-lhe um COLAR de pedras castanhas, que a rapariga agarra avidamente, os olhos a brilhar.

LOURENÇO

(para a filha)

Agradeça a seu Velasco, Mariana.

MARIANA

'brigado, seu Velasco. E lindo...

VELASCO

Não tanto como você, Mariana.

LOURENÇO

Vá para dentro, vá mostrar o presente a sua mãe.

MARIANA

Sim, meu pai. Dá licença, seu Velasco.

Sorri atrevidamente.

VELASCO

Adiós, preciosa.
(para Lourenço)
Sua filha... 'tá ficando uma moça bonita.

LOURENÇO

E já 'tá me dando problemas. Aquele Agostinho – lá de Todos-os-Santos – parece cachorro no cio.

VELASCO

Calma, homem, tenha calma. Eu falo hoje mesmo com o Agostinho.

Velasco monta de novo.

VELASCO

Cumprimentos à Chiquinha. E fica de olho na menina.

LOURENÇO

Eu sei. Mas é difícil segurar essa diaba.

053 - INT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS/DEFUMADOR - DIA

Um FIO BRANCO do látex escurece por acção da fumaça, próximo ao fogo. AGOSTINHO, dentro do barracão de defumação, enrola o látex solidificado e escuro à volta de um pau e vai formando as bolas de borracha. Limpa o suor do rosto com as mãos ressequidas e sujas de negro.

054- EXT.SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS/ACAMPAMENTO - DIA

Em frente ao barracão do fumeiro, FIRMINO e PROCÓPIO preparam uma carne de paca (caça local) sobre uma grelha improvisada ao ar livre, enquanto ALBERTO lava algumas peças de roupa numa tina de madeira. VELASCO chega a cavalo.

VELASCO

Buenos dias.

FIRMINO

'n dia, seu Velasco.

Alberto limita-se a olhar. Velasco desce da montaria e amarra-a junto ao barracão defumador, à sombra. Do interior deste sai AGOSTINHO, com os cabelos desgrenhados e a roupa suja de fuligem. Velasco tem o cuidado de trazer o RIFLE sempre em uma das mãos, numa demonstração ostensiva do seu pequeno poder sobre aqueles homens. Encarando Alberto, Velasco dirige, no entanto, a palavra a Firmino.

VELASCO

Então, o português já aprendeu como se tira o látex?

FIRMINO

Já sim senhor, seu Velasco. O rapaz é esperto. Mas acho que o melhor é o senhor ir ver com os seus próprios olhos.

VELASCO

E acha que eu não ia?

Velasco olha para os quatro homens e toma o caminho da trilha que segue para as estradas de seringueiras.

055 - EXT.SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS - DIA/MAIS TARDE

ALBERTO acaba de lavar as suas peças de roupa e dirige-se para trás do barracão do defumador, para as pendurar.

ALBERTO (V.O.)

CADA VEZ QUE COMEÇAVA A SENTIR-ME INTEGRADO NAQUELE MUNDO NOVO, ALGUMA COISA ESTRANHA ACONTECIA PARA ME RECORDAR QUE O MEU LUGAR NÃO ERA ALI.

De repente estaca, pasmado com a cena que vê. Por trás do defumador AGOSTINHO está a ter relações sexuais com a ÉGUA de Velasco. O português hesita, sem saber o que fazer numa situação tão embaraçosa. Depois, volta para trás, perturbado.

FIRMINO

Credo, seu Alberto, parece que viu assombração.

ALBERTO

Antes fosse.

Firmino olha para Alberto, surpreendido com a sua resposta.

ALBERTO (V.O.)

POR MUITO QUE EU QUISESSE, POR MUITO QUE EU TENTASSE, NÃO ME SENTIA IGUAL AQUELES HOMENS RUDES QUE O DESTINO TINHA FEITO MEUS COMPANHEIROS.

056 - EXT.SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS - DIA/MAIS TARDE

X

ALBERTO afia o seu TERÇADO à porta do barracão enquanto AGOSTINHO alinha no chão algumas bolas de látex. VELASCO, que volta do seringal, com o RIFLE às costas, surge com uma CASTANHA-DA-AMAZÓNIA na mão. Traz uma expressão de poucos amigos. Pára em frente a ALBERTO e, sem dizer nada, pega o TERÇADO deste, partindo a castanha com três certos golpes. Sob o olhar intrigado de Alberto, Velasco abre o fruto e começa a retirar os frutos do interior.

VELASCO

Não gostei nada do que vi, seu moço.

Alberto levanta-se e tenta caminhar evitando Velasco, mas o espanhol coloca-se acintosamente à sua frente, com o terçado na mão. Agostinho vira as costas e entra na barraca.

VELASCO

Então não lhe ensinaram a riscar as seringueiras?

FIRMINO aparece à porta da barraca.

VELASCO

É nisso que dá trazer p'ra cá gente da sua laia.

(virando-se para Firmino)

Entonces, como é que usted deixa esse homem estragar aqueles paus?

Alberto tenta explicar-se.

ALBERTO

Mas – eu...

Velasco encosta-lhe o terçado ao peito, para o intimidar.

FIRMINO

Eu posso explicar...

VELASCO

No precisa explicar nada. Aquilo que eu vi é que não pode ser. Esses portugueses não têm vergonha nenhuma. Malandros, metidos a valentes...

Alberto, tenso, afasta o terçado do próprio peito.

ALBERTO

Você sabe que não tem razão.

Firmino desce apressadamente as escadas da barraca e Agostinho vem de novo à porta, seguido de Procópio.

FIRMINO

Tenha calma, seu Velasco, eu vou lhe ensinar melhor.

VELASCO

Seu Juca não vai gostar disto. Ah! não vai, não!

Velasco dirige-se para a sua montaria, colocando o rifle sobre o dorso do animal. Monta e mantém o rifle à mão, observando os seringueiros. Acaricia a égua.

VELASCO

(para Agostinho)

E você, seu Agostinho, veja se dá um nó nos tomates e deixa a filha de Lourenço em paz. Senão – você vai se dar mal.

Velasco sai a galope. Agostinho aproxima-se de Alberto.

AGOSTINHO

Esse galego de merda...

057 - EXT. PARAÍSO / JUNTO AO RIO - CREPÚSCULO

O sol cai por trás da mata lançando os seus raios dourados sobre Paraíso. JUCA TRISTÃO está de pé, junto à margem do rio, com o RIFLE na mão. Já um pouco bêbado, dispara contra os CROCODILOS que nadam por ali. Conversa com o guarda-livros GUERREIRO, sentado à sombra de uma SOMBRINHA. Entre eles está uma mesa com uma garrafa de CONHAQUE, DOIS COPOS e um cesto com FRUTAS.

JUCA TRISTÃO

Dívidas, só dívidas.
(dispara um tiro)
Maldita borracha! Maldita selva!

GUERREIRO

Há sempre a hipótese do gado.

JUCA TRISTÃO

E cada vez mais. Essa vai ser a nossa saída!
(dispara outro tiro)
Este ano, compro outras quinhentas cabeças de bois.

GUERREIRO

Vamos precisar de mais pastos.

JUCA TRISTÃO

(com ironia)
A selva arde tão fácil...
(e vai outro tiro)
... e a madeira vale tão pouco!

VELASCO e CAETANO aproximam-se a cavalo, de volta da sua ronda. Os DOIS HOMENS desmontam ao pé de Juca e batem a poeira da roupa com os chapéus. O negro TIAGO aparece a coxear e segura nos dois cavalos.

JUCA TRISTÃO

Então, como foi isso?

CAETANO

Nos meus "brabos" tudo bem, mas parece que em Todos-os-Santos...

JUCA TRISTÃO

Problemas por lá?

VELASCO

(encarando Caetano)

Nada que eu não possa resolver.

Juca recarrega o rifle e bebe um grande trago de conhaque.

JUCA TRISTÃO

(para Tiago)

Estica! Venha cá, Estica!

VELASCO

Aquele cabra safado do Agostinho continua dando em cima da filha do Lourenço.

Tiago aproxima-se e Juca joga-lhe uma LARANJA. O negro agarra-a no ar e vira as costas, afastando-se, como se estivesse já habituado ao que se vai seguir. Guerreiro levanta-se e afasta-se em direcção à casa.

JUCA TRISTÃO

Filha, mulher e égua, cada um que cuide da sua.

Tiago pára a vinte metros de Juca, vira-se e coloca a laranja no alto da cabeça.

VELASCO

E o português estragou duas árvores.

JUCA TRISTÃO

Filho de uma vaca! Eu já sabia!

Juca faz pontaria e dispara. A laranja salta em pedaços. Tiago nem estremece. Juca baixa a arma.

JUCA TRISTÃO

Me lembra disso no próximo acerto de contas com ele.

058 - INT. ARMAZÉM / BALCÃO - DIA ≠

SERINGUEIROS esperam em fila a sua vez de serem atendidos pelo patrão para o acerto de contas semanal. Entre eles estão ALBERTO, FIRMINO e AGOSTINHO. Alberto tem um ar cansado e enxuga o suor da testa e do pescoço.

Na sua mesa de trabalho, JUCA TRISTÃO, voz autoritária, tendo ao lado o guarda-livros GUERREIRO, atende pessoalmente os trabalhadores. O ARGENTINO, por sua vez, despacha os mantimentos segundo as ordens do patrão.

Juca está a atender MARIANA, a filha de Lourenço. Agostinho não tira os olhos dela.

JUCA TRISTÃO

Seu pai está bom, Mariana?

MARIANA

Manda cumprimentos, seu Juca...
Quando é que nos vai visitar?

JUCA

Qualquer dia, qualquer dia! Vai levar o quê?

MARIANA

Cinco litros de cachaça e cinco litros de farinha.

JUCA TRISTÃO

Só por ser para seu pai. Vá com Deus, menina.

O Argentino entrega os víveres a Mariana. Esta recebe-os e parte. Quando passa por Agostinho, este olha-a fixamente. A menina baixa os olhos, sorrindo atrevidamente.

JUCA TRISTÃO

O próximo...

Alberto avança, acompanhado por Firmino.

JUCA TRISTÃO

Olha quem está aqui. O português do Velasco.

ALBERTO

É uma maneira de pôr a questão.

JUCA TRISTÃO

Cala essa boca! Só fala quando eu disser.
(irónico)

Não está pensando me matar todas as árvores, não? Para isso não precisava que você tivesse vindo lá de Portugal.

ALBERTO

Não é má vontade, senhor Juca. O machadinho resvala quando menos se espera.

JUCA TRISTÃO

Resvala, é? E eu é que tenho de perder?
(para Firmino)

Ó Firmino, vou-lhe dar mais uma semana para ensinar esse "brabo" atrevido. Se ao fim desse tempo ele não aprender, você já sabe..
(de volta a Alberto)

Vamos lá – o que é que você quer levar?

ALBERTO

Três litros de farinha, um quilo de pirarucu – e um rifle.

JUCA TRISTÃO

Um rifle?! Essa é boa! Você é sem vergonha mesmo. Ou então está a gozar com a minha cara. Um rifle! Você sabe quanto custa um rifle?

ALBERTO

É por causa dos índios.

JUCA TRISTÃO

Quais índios nem meios índios! Trabalhe, trabalhe primeiro e depois veremos.

Alberto olha por instantes para Juca, mas decide não responder. Firmino aprova a atitude de Alberto com o olhar.

059 - INT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS/BARRACA – NOITE

7

Insectos voam ao redor de um CANDEEIRO de petróleo. À porta da barraca surge um MACACO barrigudo, que logo foge. Mãos dispõem CARTAS DE BARALHO umas sobre as outras. É o jogo da "paciência", jogado por FIRMINO. ALBERTO, ao lado de outro CANDEEIRO, escreve uma carta, tendo ao lado algumas fotografias da mãe, amigos, colegas da revolução e a sua noiva. Tem um ar pálido e cansado, com a testa coberta de suor. Na divisão ao lado alguém RESSONA.

FIRMINO

P'rá quem é a carta?

ALBERTO

Para a minha mãe.

FIRMINO

Tem saudades dela?

ALBERTO

Muitas.

FIRMINO

E noiva, seu Alberto, tem? Desculpa a curiosidade...

ALBERTO

Quando parti, tinha. Agora...

(pausa)

Não penso ficar cá para sempre. Um dia há de vir a notícia da amnistia. Nessa altura espero que ela ainda se lembre de mim.

Firmino olha para Alberto, que parou de escrever e fechou os olhos, limpando a testa com a manga da camisa.

FIRMINO

Está se sentindo bem, seu Alberto?

ALBERTO

Nem por isso... estou cansado. E você, Firmino: tem família?

Firmino não fica muito convencido. Passado um momento, baixa o olhar e pousa uma carta na paciência. É uma DAMA DE COPAS. Passa a mão pela figura da carta, acariciando-a.

FIRMINO

Mãe nem pai já não tenho, não – mas deixei uma noiva no Ceará, prontinha, me esperando. Virgem como Nossa Senhora. Prometi que voltava em dois anos, com o dinheiro p'ro casamento. Já estou aqui há mais de cinco e só consegui aumentar a minha dívida.

Alberto arruma os seus utensílios de escrita.

ALBERTO

E a noiva? Ainda está à espera?

Firmino pousa outra carta. É um VALETE DE OUROS.

FIRMINO

Já casou com outro. Quando eu soube, pensei em ir lá e enfiar o terçado no pescoço dos dois. Mas aí o sujeito pensa bem, esfria a cabeça – e acha até que ela fez o que devia ser feito.

Alberto levanta-se.

ALBERTO

Acho melhor irmos dormir, Firmino. A conversa está a ficar muito triste.

Firmino pousa outra carta. É um REI DE ESPADAS. Olha para ela por alguns instantes. Depois coloca-a por cima da chaminé do candeeiro. O Rei de Espadas INFLAMA-SE.

FIRMINO

De qualquer forma, seu Juca não me deixava ir.

060 - EXT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS / BARRACA - DIA

7

ALBERTO sai da sua barraca. Olha em volta e vê que está sozinho. Limpa o suor da testa.

ALBERTO

Firmino! Agostinho! Procópio!

Silêncio. Alberto consulta o seu RELÓGIO de bolso. Febril, calça as botas de borracha e apanha os apetrechos de trabalho. Toca o BULE de café e sente-o ainda aquecido. Despeja o café numa CANECA de lata e engole-o rapidamente. Sai apressado, ajeitando o chapéu na cabeça.

061 - EXT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS - DIA

Um machadinho fere a seringueira em V. Como Feliciano, na cena de abertura, ALBERTO dependura a tijelinha para a recolha do látex. Olha à volta, inquieto. Tira o MAÇO DE CIGARROS do bolso da camisa e acende um cigarro. Torna a olhar em volta e limpa o suor da testa. A mão

que segura o cigarro está a tremer violentamente. Alberto segura-a com a outra mão e fecha os olhos.

Quando os abre vê uma ONÇA que avança na "estrada", olhando para ele. Alberto deixa cair o cigarro, mas fica paralisado. A onça pára a alguns metros. É um belo exemplar, simultaneamente possante e elegante. De súbito, um ASSOPIO prolongado vem da mata próxima. Alberto olha na direcção do som. Não vê nada. Quando volta a olhar para a onça, no sítio onde antes ela estivera, está agora um VELHO ÍNDIO enrugado. O índio abre os braços num movimento circular, como que a apresentar a selva. Alberto ouve outro ASSOPIO.

Começa a correr no sentido oposto ao do índio, em pânico. Ouve novo ASSOPIO na selva. Alguns VULTOS correm ao seu lado. Alberto tenta correr mais depressa. Tropeça e cai, espalhando-se ao comprido. Os vultos saem da selva à sua frente. São FIRMINO e AGOSTINHO, rindo a mais não poder com a partida que estão a pregar a Alberto. PROCÓPIO, também a rir, sai do outro lado. Alberto levanta-se.

ALBERTO

O índio... Vi um índio...

A sua visão turva-se e Alberto cai para a frente, desmaiando. Os companheiros, subitamente preocupados, precipitam-se sobre ele.

062 - EXT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS - DIA

FIRMINO e PROCÓPIO estão a lavar-se no exterior do barracão. ALBERTO surge à porta, ainda combalido, mas um pouco mais firme.

FIRMINO

Que susto que o senhor nos deu, seu Alberto.

Procópio confirma, agitando a cabeça.

FIRMINO

´Tá se sentindo melhor?

Alberto desce as escadas com dificuldade e dirige-se à tina da água, para se lavar também.

ALBERTO

Parece que sim. Estou pronto p´ra outra...

FIRMINO

Isso é que é preciso porque hoje é noite de bate-coxa.

Procópio avança para Alberto e, sem lhe dar tempo a resistir, toma-o nos braços e arrasta-o numa dança improvisada.

063 - EXT. LAGO DE ASSU / CASA DE LOURENÇO - NOITE

Estamos numa festa muito agitada. O acordeão de PEDRO SURUBI e a harmónica de PROCÓPIO animam o baile, que decorre num telheiro de terra batida. O calor é imenso, com toda a gente a transpirar enquanto dança. O ambiente é indescritível. Homens dançam com homens. Bebe-se aguardente de cana e chicha de milho. FIRMINO mostra MARIANA, a filha de Lourenço, a ALBERTO.

FIRMINO

Aquela ali é a paixão do Agostinho.

ALBERTO

Assim tão novinha?

FIRMINO

Por aqui não se tem muita escolha. Dê só uma olhada.

CINCO MULHERES é o que se pode contar numa maioria de homens. DUAS DELAS, mais velhas, são negras. Há ainda uma mulata, CHIQUINHA; a MULHER DE LOURENÇO; e MARIANA. Firmino vai convidar uma das negras, NHÁ VITÓRIA. Esta aceita e os dois entram na dança. Alberto continua encostado à parede. Avista AGOSTINHO, que está num balcão improvisado a beber um copo de cachaça. O cearense está a olhar na direcção de Mariana. Quando sente o olhar de Alberto, acena-lhe um cumprimento. Um SERINGUEIRO vem ter com Alberto.

SERINGUEIRO

O moço não quer dançar?

ALBERTO

Vai me desculpar, mas nunca dancei com um homem.

SERINGUEIRO

Tudo tem uma primeira vez.

ALBERTO

Não me leve a mal, mas não tenho jeito para isso.

SERINGUEIRO

Isso aqui é normal, moço, não pense que eu sou perobo.

ALBERTO

Como?!

SERINGUEIRO

Perobo... mulherzinha...

ALBERTO

Eu não pensei nada disso.

SERINGUEIRO

Então, levanta e dança!

ALBERTO

Já disse que não...

O seringueiro puxa uma faca e encosta-a ao pescoço de Alberto.

SERINGUEIRO

Em Portugal não sei como é, mas aqui ninguém recusa convite.

ALBERTO

Guarde essa faca. Você não quer fazer isso.

As PESSOAS à volta dos dois homens vão se afastando. A MÚSICA pára. Alberto está entalado entre a faca e a parede. De súbito, a ponta de um rifle encosta-se à cabeça do seringueiro. Ouve-se O.S. a voz de Agostinho.

AGOSTINHO

Larga o homem, Pedro, senão você estica as canela aqui mesmo.

O seringueiro olha Agostinho pelo canto do olho, sem afastar a faca.

SERINGUEIRO

Aqui ninguém recusa dançar.

Agostinho acciona a culatra do rifle. Firmino surge ao seu lado.

FIRMINO

É melhor fazer o que o homem diz, Pedro.

O seringueiro hesita. Depois baixa a faca, lentamente, e embainha-a. Vira-se para enfrentar os outros dois homens. Olha para Agostinho, que baixa finalmente o rifle. Alberto afasta-se do homem e apoia-se contra a parede, de olhos fechados. O seringueiro olha para Firmino. De repente, muda completamente de atitude.

SERINGUEIRO

Se o português não quer, então venha você.

Puxa Firmino pelo braço e arrasta-o consigo. A MÚSICA recomeça e os dois homens lançam-se num forró endiabrado.

064 - EXT. LAGO DE ASSU / CASA DE LOURENÇO - NOITE ≠

ALBERTO sai do telheiro, ainda abalado. Lá dentro a festa continua, mais animada.

Furioso, dá um pontapé numa LATA, que rebola ruidosamente. Um HOMEM olha para ele, surpreendido.

ALBERTO (V.O.)

AS SURPRESAS DO DIA-A-DIA ERAM MUITAS,
MAS NÃO ERAM SUFICIENTES PARA ESPANTAR A
SOLIDÃO.

VOLTEI A SENTIR SAUDADES DE CASA.

No exterior há muitos HOMENS. Alberto está impressionado com o que vê à sua volta: Alguns homens vão banhar-se no lago próximo do pagode, para refrescar o corpo e baixar o nível de excitação e luxúria reprimida; outros, já bêbados, limitam-se a resmungar; uma ameaça de briga estala entre dois dos seringueiros; vários outros já dormem ao relento. Alberto aproxima-se do lago e molha a cara com água. LOURENÇO, o dono do pagode, de rifle na mão, passa por ali, preocupado.

LOURENÇO

Mariana! Mariana! Alguém viu por aí essa diaba da minha filha?

065 - EXT. LAGO DE ASSU/CLAREIRA - NOITE/MAIS TARDE

AGOSTINHO, nervoso e algo embriagado, está com MARIANA numa clareira próxima. A MÚSICA da festa faz-se ouvir ao fundo. Agostinho, muito perto da menina, passa-lhe a mão pelo cabelo. Toca-lhe nos lábios com a ponta dos dedos. Mariana veste um vestido leve e curto, o que lhe empresta um ar sensual, sem que disso tenha consciência.

MARIANA

'ocê conhece muitas moça bonita?

AGOSTINHO

Assim como você, não.

Agostinho procura abraçar Mariana.

AGOSTINHO

'ocê é a mais bonita que conheci. Mandei buscar uma boneca de pano lá em Manaus p'ra te dar no seu aniversário. 'ocê vai gostar muito dela.

Mariana empurra-o com suavidade e agarra no COLAR de pedras castanhas.

MARIANA

Uma boneca? Seu Velasco me deu foi este colar...

Agostinho tenta beijar Mariana, que se desvencilha com agilidade e vai sentar-se num tronco de árvore. Fica com parte das pernas à mostra, o que excita mais o homem. Agostinho volta a aproximar-se de Mariana. Ela tenta fugir de novo, mas desta vez ele agarra-lhe num braço e puxa-a para si, forçando-a para o chão. Agostinho começa a pôr-se por cima dela, tapando-lhe a boca com a outra mão. O cearense sorri, com meiguice, tentando ser tão simpático quanto a brutalidade da situação lhe permite. Mariana debate-se mas o homem é muito mais forte e pesado do que ela. De repente, ouve-se a voz de LOURENÇO por trás deles.

LOURENÇO (O.S.)

Larga minha filha, seu cabra safado!

Agostinho pára e, consciente do perigo, ergue-se lentamente. Vira-se e enfrenta Lourenço. Este espera-o

com o RIFLE apontado para ele. Mariana rasteja para longe dos dois homens.

LOURENÇO
(para Mariana)
'ocê, venha aqui.

Mariana obedece e recebe uma forte bofetada do pai.

LOURENÇO
Vá procurar sua mãe, depois nós conversamos.

Mariana, agarrada à cara dorida, foge da clareira a chorar. Lourenço não tira o olhar de Agostinho.

LOURENÇO
E agora nós dois...

AGOSTINHO
Eu quero casar com sua filha, seu Lourenço.

LOURENÇO
Você tá é louco, homem! E mais louco sou eu se não lhe encher de chumbo agora mesmo.

AGOSTINHO
Eu prometo que vou cuidar bem dela!

LOURENÇO
Com seu salário de seringueiro?
(irónico)
Minha Mariana merece coisa melhor.

Lourenço avança na direcção de Agostinho, sempre de arma apontada. O seringueiro não se mexe, deixando a distância encurtar.

LOURENÇO
Seu Velasco está de olhos postos na minha menina. E eu vou guardar ela para ele, virgenzinha como um homem gosta.

Com a ponta do rifle Lourenço empurra Agostinho no peito.

AGOSTINHO
Não faça isso, seu Lourenço.

O caboclo empurra-o de novo com o rifle, provocador. Mas Agostinho, rápido, desvia-se e puxa a arma,

desequilibrando Lourenço, que cai para a frente. Acto contínuo, Agostinho puxa uma faca que trás presa na cintura, às costas, e espeta Lourenço uma, duas vezes. Lourenço roda, tentando defender-se dos golpes. Agostinho foge.

LOURENÇO
(com fraca voz)
Seu cabra desgraçado!

066 - EXT. LOCAL ESCURO - NOITE ≠

Local escuro, não identificado. Um HOMEM, coberto de sangue, com uma grande faca na mão, está debruçado sobre um VULTO tombado no chão. Vê-se com mais detalhes o vulto caído a seus pés. É ALBERTO, que se contorce num esgar de dor.

067 - INT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS/BARRACA - NOITE

ALBERTO acorda, sobressaltado, após um pesadelo. Respira fundo e limpa o suor da testa. Repara que, na sombra próximo de si, move-se um vulto. Alberto acende um FÓSFORO, e com ele um CANDEEIRO de petróleo. É AGOSTINHO que, à pressa, arruma os seus haveres.

ALBERTO
Agostinho!
(repara na actividade)
Aonde é que vai, a esta hora?

Agostinho não responde e continua a pegar nas suas coisas. FIRMINO surge por trás dele.

FIRMINO
O que é que aconteceu? Ei, moço, 'tô falando com as paredes?

AGOSTINHO
Tenho que me mandar.

ALBERTO
O que é que houve?

Agostinho ergue-se, coloca o RIFLE às costas e, sem mais explicações, sai porta fora. Alberto vai até a janela da

barraca e vê Agostinho que se afasta apressadamente na direcção do seringal.

ALBERTO

(para Firmino)

O que é que aconteceu?

FIRMINO

Não sei, não. Mas não vamos demorar muito a descobrir. E boa coisa não é...

068 - EXT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS - DIA

A quietude matinal da selva é interrompida pelo TROPEL de cavalos. VELASCO, CAETANO, ALEXANDRINO e o ARGENTINO irrompem pela clareira do acampamento de Todos-os-Santos. ALBERTO e FIRMINO saem da barraca para os receber. Os homens de Juca param os cavalos, formando um meio círculo em frente dos seringueiros. Alexandrino e o Argentino desmontam e dirigem-se para o barracão. PROCÓPIO sai do barracão e junta-se aos companheiros.

VELASCO

Onde é que está o homem?

FIRMINO

De quem é que 'tá falando?

VELASCO

No se haga espertinho. Esconder um criminoso é crime também — aqui e em qualquer lugar desse mundão de Deus.

ALEXANDRINO

(grita da janela)

O homem já se mandou.

ALBERTO

O que é que o Agostinho fez?

Argentino e Alexandrino saem da barraca e montam os seus animais.

CAETANO

Deixou viúva a mulher do Lourenço.

Saem todos a galope em direcção à selva. Firmino agarra no seu RIFLE, encostado a uma árvore, e corre atrás deles. Alberto segue-o.

069 - EXT. TRILHA NA SELVA - DIA

AGOSTINHO caminha pela selva, já com ar cansado. Está sempre a espreitar à sua volta, ansioso e assustado.

070 - EXT. TRILHA NA SELVA / OUTRO LOCAL - DIA

Os QUATRO EMPREGADOS de Juca Tristão trotam pela mata. Numa bifurcação Alexandrino desmonta e examina uns arbustos. Volta a montar e faz sinal para o seguirem por um dos caminhos.

071 - EXT. TRILHA NA SELVA / OUTRO LOCAL - DIA

ALBERTO e FIRMINO seguem em passo acelerado por uma trilha na selva. Firmino observa as pegadas dos cavalos.

072 - EXT. CACHOEIRA NA SELVA - DIA

AGOSTINHO está a atravessar uma cachoeira quando ouve RUÍDOS. Espreita por entre as árvores. Vê, a alguma distância, CAETANO e o ARGENTINO. Sem o saber, os homens trotam na direcção de Agostinho. O cearense enfia-se na água deixando apenas a cabeça de fora. Os cavalos passam a escassos metros de distância.

073 - EXT. TRILHA NA SELVA / OUTRO LOCAL - DIA

ALBERTO e FIRMINO continuam a correr pela selva. Alberto, cheio de suores, tem um aspecto estranho.

074 - EXT. TRILHA NA SELVA / CACHOEIRA - DIA ≠

Sem camisa e de calções, AGOSTINHO tem a roupa a secar, convencido de que seus perseguidores já não andam por perto. Tem um ar mais tranquilo e até deixou a ARMA encostada a uma árvore. De repente, a ponta de um RIFLE é encostada à sua cabeça. Agostinho tenta levar a mão ao seu rifle, mas recebe um violento pontapé na mão. ALEXANDRINO e CAETANO caem-lhe em cima. Agostinho, que é muito forte, tenta lutar, mas o ARGENTINO vem juntar-se aos outros dois. Agostinho acaba por ser dominado.

Assim que os três homens o imobilizam, VELASCO surge a cavalo. Atira uma corda aos companheiros. Já sem forças,

Agostinho é amarrado e içado pelos pulsos, ficando pendurado a meio metro do chão num ramo grosso de uma árvore. Olha para os homens que o cercam e começa a rezar em voz alta.

AGOSTINHO

Avé-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois Vós entre as mulheres...

Alexandrino aproxima-se dele com uma FACA na mão. Os outros dois homens agarram-lhe nas pernas. Velasco tira um charuto do bolso e acende-o. Ouvimos O.S. a oração de Agostinho.

AGOSTINHO (O.S.)

... bendito é o fruto do Vosso ventre...

De súbito a oração transforma-se num GRITO horripilante.

AGOSTINHO (O.S.)

...JESUS!!! Nãoooooooooo!

Velasco lança uma baforada de fumo.

075 - EXT. TRILHA NA SELVA / CACHOEIRA - DIA

FIRMINO e ALBERTO chegam ao local onde Agostinho foi capturado. Espera-os uma cena chocante: Agostinho está morto, pendurado pelos pulsos no ramo da árvore. Pela enorme mancha de sangue que tem entre as pernas, apercebemo-nos que Agostinho foi cruelmente castrado. O sangue que escorreu forma uma poça no chão, debaixo dos seus pés. Firmino corre para o amigo e agarra-o enquanto Alberto corta a corda com um terçado. Firmino cai de joelhos, abraçando o corpo inerte de Agostinho.

076 - EXT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS/ RIO - MADRUGADA

7

No meio do nevoeiro da madrugada, uma CANOA desliza silenciosamente por um riacho nas cercanias do acampamento de Todos-os-Santos. ALBERTO e PROCÓPIO remam, enquanto FIRMINO procura iluminar o caminho com um CANDEEIRO de mão. Dentro da canoa, entre os dois homens, jaz o corpo de AGOSTINHO embrulhado em panos. Outras canoas com SERINGUEIROS surgem de outros braços

de água e vão-se juntando à estranha procissão. Finalmente o rio fica cheio de canoas, cada uma com um CANDEEIRO aceso à frente, deslizando em silêncio no meio do nevoeiro, avançando todas na mesma direcção.

077 - EXT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS / ILHOTA - DIA

O corpo de AGOSTINHO, embrulhado em panos, é descido à terra por FIRMINO e PROCÓPIO. ALBERTO, com o rosto suado, emudecido, acompanha a cena. Entre os restantes SERINGUEIROS ninguém é capaz de dizer uma palavra. Firmino joga uma BONECA DE PANO para cima do corpo de Agostinho. Uma primeira PÁZADA DE TERRA começa a cobrir a boneca. De súbito Firmino ouve atrás de si um BAQUE surdo. Vira-se e vê Alberto, caído no chão, desmaiado.

FIRMINO

Seu Alberto!!

078 - INT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS/BARRACA - NOITE

ALBERTO está deitado numa cama improvisada, coberta com uma rede de MOSQUITEIRO estendida do tecto. TREME de febre. FIRMINO, a seu lado, molha-lhe a cara com um pano encharcado. Pousa-lhe a mão na testa, com ar preocupado. Na escuridão, uma luz acesa brilha através da janela da barraca. Ouve-se o RUGIDO de uma onça. FIRMINO assoma-se à janela da barraca, olhando em redor. Regressa ao interior.

079 - INT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS / BARRACA - DIA

ALBERTO está sózinho na barraca. Suado e de olhos fechados, treme no seu leito. De repente abre os olhos. Fica a olhar para cima, através da REDE. Vê o tecto mal vedado que deixa passar a luz do dia, vê o candeeiro de petróleo apagado, vê o seu chapéu pendurado na parede. Um ruído chama-lhe a atenção para a entrada da barraca. É uma ONÇA que está a atravessar a porta. A onça pára e olha em redor, cautelosa. Alberto não consegue tirar os olhos dela. Os seus olhares cruzam-se. A onça começa a avançar lentamente na direcção de Alberto. Este fecha os olhos. Mantém-nos fechados por um longo momento, esperando o inevitável. Finalmente, resolve abri-los. Olha à sua volta. Nem sinal da onça.

080 - INT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS / BARRACA - DIA

ALBERTO, de olhos fechados, continua a delirar com a febre. Um VULTO move-se a seu lado. O vulto passa-lhe as MÃOS, engelhadas e escuras, por cima do corpo. Uma NUVEM DE FUMO envolve a cara de Alberto, que abre os olhos. Vê a seu lado o VELHO ÍNDIO que já tinha visto na mata. Está acocorado ao lado da cama, segurando numa espécie de CACHIMBO emplumado, que aspira com força. Entoa uma canção indígena. Alberto estende a mão em direcção ao índio, mas este sopra-lhe uma nova nuvem de fumo para cima. Alberto tosse e tenta sacudir o fumo, mas fica sem forças. Deixa cair o braço e fecha novamente os olhos.

081 - EXT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS - DIA

FIRMINO, apressado, dirige-se para a barraca do acampamento. Traz uma peça de caça às costas. PROCÓPIO sai de dentro da barraca, com um sorriso de orelha a orelha. Por trás de Procópio surge ALBERTO, fraco e apoiando-se na parede, mas também sorridente. Firmino deixa cair a peça de caça e corre a ajudar o amigo.

FIRMINO

Cuidado, seu Alberto, você ainda está muito fraco. Apoia aqui no meu ombro...

ALBERTO

Obrigado – agradeço.

Desce para o chão, apoiando-se no ombro do cearense.

ALBERTO

Quantos dias estive assim, com a febre?

FIRMINO

Uma semana, seu Alberto.

ALBERTO

Uma semana?!

FIRMINO

Sete dias no purgatório, só bebendo água.

ALBERTO

E o índio, quem era ele?

FIRMINO
Índio?!

ALBERTO
Sim, o índio velho. O que esteve aqui a tratar-me.

Firmino ajuda Alberto a sentar-se num tronco.

FIRMINO
Seu Alberto esteve delirando. Quem o tratou fui eu. Os índio só aparece para cortar nosso pescoço.

082 - EXT. PARAÍSO / RUA DO CAIS - DIA

CHOVE no seringal. Ainda não é uma chuva torrencial, mas já é sinal de que o Inverno está a chegar. ALBERTO atravessa o centro de Paraíso, carregando um saco de serapilheira. Passa pelo cais. Lá à frente, de costas para ele, está a figura elegante de D. YÁYÁ. De chapéu de chuva aberto, parada em frente ao rio, olha para as marcas que a chuva faz na superfície da água. Alberto hesita por um momento. Depois encaminha-se na sua direcção. Aproxima-se dela e pára a seu lado, retirando o chapéu e encostando-o ao peito. A mulher olha-o de soslaio e depois de novo para o rio. Ficam um momento em silêncio.

ALBERTO
O meu nome é Alberto.

D. YÁYÁ
É melhor cobrir-se, seu Alberto, ou vai cair de novo na cama.

Alberto continua com o chapéu no peito, olhando para a mulher.

ALBERTO
Soube da minha doença?

D. YÁYÁ
Ouvi seu Juca queixar-se.

ALBERTO
Era de se esperar.

D. YÁYÁ

Prazer em conhecê-lo, seu Alberto. Com licença.

Com uma ligeira inclinação de cabeça despede-se de Alberto e afasta-se em direcção à casa grande. O português acompanha-a com o olhar. Finalmente coloca o chapéu na cabeça.

ALBERTO

(murmurando)

O prazer foi meu, dona Yayá.

083 - INT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS / BARRACA - DIA

No exterior chove torrencialmente. Enclausurados dentro da barraca, FIRMINO ensina ALBERTO a limpar o RIFLE que era de Agostinho. PROCÓPIO toca uma MÚSICA MELANCÓLICA na sua harmónica.

FIRMINO

Agostinho tinha muitos defeitos, mas do rifle ele sabia cuidar. Se você vai ficar com ele é melhor aprender também.

(demonstrando)

Veja – puxa aqui para trás – roda..

A voz de Firmino desaparece gradualmente enquanto a música de Procópio ganha presença, com outros instrumentos a juntar-se à composição.

ALBERTO (V.O.)

O INVERNO ESTAVA APENAS A COMEÇAR, MAS PARECIA JÁ TER TOMADO CONTA DE TUDO. DA SELVA, DOS NOSSOS ESPÍRITOS, DA VIDA EM GERAL.

UM INVERNO LONGO, FEITO DE CHUVAS FORTES E ENCHENTES QUE NOS IMPEDIAM DE TRABALHAR NOS SERINGAIS.

A música continua a ouvir-se ao longo das cenas que se seguem.

084 - EXT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS / RIO - DIA ≠

ALBERTO e FIRMINO, de RIFLES na mão, em pé numa canoa, procuram caça na selva completamente inundada. O ambiente é deprimente. A música continua a ouvir-se.

085 - INT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS/BARRACA - NOITE

≠

ALBERTO, FIRMINO e PROCÓPIO jogam às cartas, à luz tremeluzente do CANDEEIRO de petróleo. Apostam CIGARROS. Lá fora continua a chover com a mesma intensidade.

086 - INT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS/BARRACA - NOITE

≠

A chuva continua a cair, aparentemente inesgotável.

ALBERTO abre a sua velha MALA DE COURO. Lá de dentro tira uma MOLDURA com o retrato de uma senhora viúva – a sua mãe. Olha-a durante alguns instantes e volta a arrumá-la. Depois retira OUTRA MOLDURA mais pequena, com o retrato de uma rapariga da sua idade, fixada a olhar para a câmara com um ligeiro sorriso nos lábios. Será a sua NAMORADA. Alberto acaricia o retrato com a ponta dos dedos, suavemente.

087 - INT. ARMAZÉM / BALCÃO - DIA

ALBERTO entra no armazém, em Paraíso. O ARGENTINO olha para ele e cumprimenta-o. Alberto cumprimenta-o de volta e dirige-se a GUERREIRO, a quem entrega uma CARTA que retira de dentro do casaco. Trocam palavras que não ouvimos. O guarda-livros sorri simpaticamente. Nesse momento entra D. YÁYÁ, fugindo da chuva. Alberto, já de saída, cumprimenta-a respeitosamente. Trocam um olhar um pouquinho longo demais para a circunstância.

088 - EXT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS / ILHOTA - DIA

ALBERTO e FIRMINO desembarcam de canoa numa ilhota onde vários animais se abrigam da inundaçãõ da selva. Um ANIMAL bebe água meio escondido por detrás das árvores. Firmino aponta o animal ao amigo e desafia Alberto a

disparar. Alberto faz pontaria. Dispara e acerta, para júbilo de Firmino.

089 - EXT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS - DIA

Chove intensamente no acampamento. ALBERTO assoma-se à janela da barraca olhando para o exterior. Tem os cabelos e a barba mais crescidos. O seu aspecto é ligeiramente mais adulto e menos juvenil.

ALBERTO (V.O.)

NA SELVA OS DIAS PASSAM, MAS É COMO SE FOSSEM SEMPRE DOIS MESMOS E ÚNICOS DIAS: UM DIA DE SOL, RÁPIDO E SUARENTO, E UM DIA LONGO DE CHUVA.

AQUELES MESES DE DILÚVIO LAVARAM O POUCO QUE AINDA RESTAVA DA MINHA VIDA ANTERIOR.

QUANDO O INVERNO SE FOI, SENTI-ME PARECIDO À SELVA QUE ME CERCAVA — NADA TINHA MUDADO E, NO ENTANTO, TUDO ESTAVA DIFERENTE.

A câmara começa a afastar-se dele, subindo sobre a selva, abandonando-o ali naquela "masmorra verde". A MÚSICA da harmónica de Procópio termina no fim desta cena.

090 - EXT. CASA DE JUCA TRISTÃO / VARANDA - DIA

O sol brilha de novo no Paraíso. JUCA TRISTÃO está sentado na varanda da casa grande, acompanhado por GUERREIRO e D. YÁYÁ. Os homens conversam enquanto D. YÁYÁ borda um lençol de linho.

JUCA TRISTÃO

Guerreiro, me diga uma coisa. Se eu lhe roubar o Argentino, lá do balcão — você...

GUERREIRO

(interrompendo)

O Argentino? P'ra quê?

JUCA TRISTÃO

Ele veio me falar. Quer ser capataz como o Velasco e o Caetano. P'ra fazer trabalho de homem...

(olha para Guerreiro)

...sem ofensa.

D. YáYá olha para o marido.

JUCA TRISTÃO

E agora que o Inverno acabou eu vou mesmo precisar de mais fiscais — p'ra pôr esses safados a trabalhar de novo. O João podia substituí-lo...

GUERREIRO

O João?! Nem pensar. Ele nem sabe ler.

D. YÁYÁ

E cozinha bem demais.

GUERREIRO

Não quero perder um bom cozinheiro para ganhar um mau empregado.

JUCA TRISTÃO

Então quem mais? Só se formos a Manaus buscar alguém.

Guerreiro fica um momento a pensar. D. YáYá antecipa-se.

D. YÁYÁ

Há aquele português — de Todos-os-Santos. O que esteve doente. O moço parece educado.

GUERREIRO

É verdade, sim. Velasco me contou que ele era advogado, ou coisa assim. E é português — deve saber fazer contas.

JUCA TRISTÃO

Pode ser, mas — com certeza — o Velasco não vai gostar. Não vai gostar mesmo nada.

(rindo)

Mas é boa ideia. É, sim senhor. Traz-se o português antes que o diabo me mate mais árvores.

(para Guerreiro)

Se ele quiser vir você pode ficar com ele.

GUERREIRO

(irônico)

Acha que não vai querer, é?!

091 - EXT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS/ESTRADA - DIA

Um dia de sol no seringal de Todos-os-Santos. PROCÓPIO está a trabalhar na sua "estrada" do seringal. Com a machadinha risca uma árvore, denotando prática e certeza. De súbito, ouve um ASSOPIO suspeito na selva. Pára de trabalhar e olha à sua volta. Consegue ver alguns movimentos de VULTOS no meio da mata. Sem sequer hesitar começa a correr, tentando chegar ao RIFLE que, descuidadamente, deixou um pouco para trás, encostado a uma árvore.

Dois ou três ÍNDIOS cortam-lhe o caminho. São homens baixos, fortes, quase nus, com os corpos cobertos de pinturas. Carregam arcos, flechas e grandes facões. Procópio deita a fugir em direcção ao acampamento, com o grupo de índios no seu encalço. Outros índios vão surgindo da selva. Um deles quase consegue apanhar o jovem negro, que escapa no último momento. Procópio foge pela trilha, em pânico. Desesperado, tira a HARMÓNICA do bolso e usa-a como um apito, soprando com todo o fôlego para chamar a atenção dos companheiros.

092 - EXT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS - DIA

ALBERTO e FIRMINO estão no acampamento. Cobertos de FULIGEM NEGRA, do defumador, estão empilhando algumas bolas de borracha. De súbito ouvem os SONS desesperados da harmónica de Procópio. O cearense percebe logo o que se passa e corre para o seu RIFLE. Alberto segue-o de imediato. Segue-se um momento de tensão em que os dois homens olham para a selva indecifrável, ouvindo apenas os SONS da harmónica, cada vez mais próximos. Firmino e Alberto levantam os rifles e fazem pontaria. PROCÓPIO surge a correr na clareira do acampamento, e sorri ao ver os companheiros já prontos para a luta. De repente pára, ainda com o sorriso nos lábios. Tenta chegar com a mão livre atrás das próprias costas, sem perceber muito bem o que se passa. Roda e vemos que tem uma FLECHA espetada nas costas. Cai para a frente, tentando sempre chegar à flecha.

Os ÍNDIOS irrompem da selva atrás dele, gritando ameaçadoramente. Firmino e Alberto abrigam-se atrás de alguns barris e caixotes, disparando contra os atacantes. DOIS ÍNDIOS arrastam o corpo de Procópio para a selva. Firmino faz pontaria a um deles e acerta-lhe numa perna. Mesmo ferido, o índio consegue desaparecer

com Procópio entre as árvores. Entretanto, um outro ÍNDIO, que se distingue dos restantes por um grande toucado de penas, consegue chegar perto de Firmino, subindo para cima do caixote enquanto o cearense recarrega a arma. Ergue uma LANÇA e solta um grito de guerra. Alberto dispara e acerta-lhe com um tiro no peito, derrubando-o.

Os outros índios param de imediato o ataque. Fogem de regresso à selva, sempre soltando gritos e virando-se para trás para disparar suas flechas. Alberto e Firmino continuam a disparar contra a selva até os seus gritos deixarem de se ouvir por completo. Param. O SILÊNCIO é absoluto. Alberto olha para o companheiro. Firmino tem os riscos de duas LÁGRIMAS desenhados na fuligem que lhe cobre cara.

093 - EXT. PARAÍSO - DIA

O centro do seringal de Paraíso está quase deserto. Apenas meia dúzia de almas circulam por ali, entre elas o sempre presente TIAGO. ALBERTO e FIRMINO surgem da selva, ofegantes. Cada um deles arrasta um corpo numa REDE montada numa armação de madeiras. Firmino arrasta o corpo do ÍNDIO EMPLUMADO, deixando um rasto na terra. Pára no meio do terreiro, perto do armazém. Alberto pára ao seu lado. Transporta o corpo de PROCÓPIO. Começam a ser cercados pelas PESSOAS que se vão juntando à sua volta. A câmara vai-nos revelando o cadáver até vermos que está DECAPITADO.

094 - EXT. PARAÍSO - DIA / MAIS TARDE

JUCA TRISTÃO e GUERREIRO afastam a multidão que se formou em redor de ALBERTO e FIRMINO.

JUCA TRISTÃO

Chega p'ra lá! Deixa passar. Deixa...

Finalmente chegam ao centro de interesse. Param ao lado dos dois homens e dos dois corpos.

JUCA TRISTÃO

Quando foi o ataque?

FIRMINO

Na hora do almoço, seu Juca. De novo.

Juca ajoelha-se ao lado do índio e retira-lhe o TOCADO de plumas.

JUCA TRISTÃO

Mataram um chefe.

FIRMINO

Foi aí seu Alberto.

ALBERTO

Mas não foi a tempo de salvar o Procópio.

Nesse momento chegam VELASCO e CAETANO a correr. Juca ergue-se, observando o TOCADO, que parece interessar-lhe mais do que os dois mortos.

JUCA TRISTÃO

Com a morte do Procópio é mais uma estrada para fechar.

ALBERTO

É só isso que lhe interessa? Procópio era só isso? Uma estrada?!

FIRMINO

Calma, seu Alberto, não se exalte.

Velasco tira ostensivamente o RIFLE do ombro.

JUCA TRISTÃO

E o saldo? E o saldo dele? Ele estava me devendo muito dinheiro – mas eu não falei nisso, falei? Ele morreu, todos ficamos a perder.

Alberto avança para Juca, ameaçador. Velasco e Caetano flanqueiam o patrão.

ALBERTO

Alguns mais do que os outros, seu Juca. Principalmente dos ombros para cima...

GUERREIRO

Tenha modos, moço. Estamos todos chocados. Isto foi uma desgraça.

ALBERTO

Desculpe, seu Guerreiro, mas – é inaceitável tratar-se um homem desta maneira.

Juca vira as costas a Alberto e afasta-se, sempre observando o tocado do índio.

JUCA TRISTÃO

Guerreiro, dê a notícia ao rapaz, pode ser que ele se acalme.

ALBERTO

Notícia? Que notícia?

Guerreiro aproxima-se de Alberto e coloca-lhe a mão no ombro.

GUERREIRO

Uma ótima notícia – para todos nós. Seu Juca quer que você venha p'ra o Paraíso. Você vai substituir o Argentino lá no armazém.

Alberto não sabe o que dizer. Não tem sequer a certeza de perceber bem o alcance do que lhe estão a dizer. Olha para Firmino, pedindo confirmação.

GUERREIRO

Vai deixar o seringal, a selva. Vem aqui p'ra junto de nós, p'ra longe dos índios. Vai ter seu próprio quarto, boa comida. Diga qualquer coisa, seu Alberto. Não era o que queria?

Alberto volta a olhar para Firmino. Este desvia o olhar e ajoelha-se ao lado de Procópio.

FIRMINO

Me ajuda aqui, seu Alberto. Primeiro temos de enterrar nosso amigo.

095 - INT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS/BARRACA - DIA

ALBERTO acaba de arrumar os seus bens na MALA DE COURO que o tem acompanhado desde o início.

096 - EXT. SERINGAL DE TODOS-OS-SANTOS - DIA

ALBERTO sai da barraca com a MALA, um SACO e o RIFLE de Agostinho às costas. O ARGENTINO está à espera dele, montado num cavalo e segurando outro pelas rédeas. Alberto procura FIRMINO com o olhar. Este está sentado

encostado a um tronco – é a primeira vez que o vemos sem fazer nada.

ALBERTO

Tenho de ir andando, Firmino, se quero chegar ainda de dia.

FIRMINO

Não quer mesmo ajuda para carregar suas coisas? Tome um café então, acabadinho de fazer.

(para o Argentino)

E você também, se quiser...

ARGENTINO

Andem logo com isso.

Alberto dirige-se à fogueira onde a CAFETEIRA ainda fumeja. Serve-se.

ALBERTO

Eu pensava que bebia café lá em Portugal, até provar o seu. Vou ter saudades dele.

FIRMINO

Quando quiser matar as saudades, é só aparecer. Sabe que eu nunca faço menos do que isso. Agora vai sempre sobrar um pouco.

ALBERTO

Seu Juca vai mandar para cá outros homens. Ele não vai abandonar as estradas assim.

FIRMINO

Não sei, não, seu Alberto. Com o preço da borracha do jeito que vai, não sei se ele contrata mais alguém. Seu Juca fez muito bem em chamá-lo para Paraíso. Isto aqui não é lugar p'ra você.

ALBERTO

Isto não é sítio para ninguém – muito menos para se ficar aqui sozinho. Olha que eu ainda posso falar com seu Juca...

FIRMINO

Não diga bobagem, seu Alberto. Se fosse comigo, acha que eu pensava duas vezes?
(ri-se, forçado)

Você ficava aqui com seu índio velho..

Alberto ri também. O Argentino está impaciente.

ARGENTINO

Vamos embora, seu Alberto! Deixem de conversa fiada!

FIRMINO

Vai dar tudo certo, seu Alberto. Mas não nego que vou sentir sua falta.

ALBERTO

Também eu, Firmino! Também eu.

Faz-se um ligeiro silêncio. Firmino abraça Alberto, comovido.

ARGENTINO

Dois marmanjos desses... Parece que estão noivos.

Alberto solta-se um pouco bruscamente e agarra nas suas coisas. Vira as costas ao amigo e começa a afastar-se. Firmino senta-se de novo. Retira do bolso a HARMÓNICA de Procópio e tenta tocar alguma coisa.

097 - EXT. TRILHA NA SELVA - DIA

ALBERTO cavalga alguns metros atrás do ARGENTINO. Pela primeira vez a selva parece ter recuperado a sua beleza quase mágica e irreal. De repente, Alberto pára. Sente-se observado. Vira-se lentamente.

O ÍNDIO VELHO olha para Alberto, a alguns metros de distância, no meio da trilha por onde tinha acabado de passar. Alberto olha para o Argentino, que continua a afastar-se, sem dar por nada. Volta a olhar para o índio. Encaram-se em silêncio durante alguns momentos. Depois o índio leva a mão à cabeça, aponta para o CHAPÉU de Alberto e volta a tocar na própria cabeça. Alberto tira o chapéu da cabeça, hesitante. O índio sorri muito ligeiramente. Alberto, debruça-se e prende o chapéu num ramo protuberante. Afasta-se alguns passos. O índio não se mexe.

Alberto vira-lhe as costas e começa a afastar-se. Dá alguns passos e espreita sobre o ombro. A trilha está vazia. Já não há sinal do índio... nem do chapéu. O

Argentino continua alguns metros à frente, alheio ao que se passou.

098 - INT.CASA DE JUCA TRISTÃO/QUARTO - CREPÚSCULO

JOÃO, o cozinheiro negro de JUCA TRISTÃO, vinte e tal anos, ajuda a carregar as coisas de ALBERTO. Fala muito, e muito depressa. Mostra-lhe o quarto onde irá viver. É um quarto amplo, simples, de poucos móveis e com vistas para os fundos do quintal.

JOÃO

Este é o quarto das visitas. Não que o senhor seja visita. O senhor agora é da casa, tanto como os outros. Visita é quem está só de passagem. O senhor não está de passagem, pois não, seu Alberto? Posso lhe tratar por seu Alberto?

ALBERTO

Claro. E você é o João, não é?

JOÃO

Da parte de meu pai, e do pai do meu pai, e ainda do pai dele. Só tem João na família. Se quiser um cafézinho ou um suco, é só ir até a cozinha. O pai do senhor também se chamava "seu Alberto"?

ALBERTO

Não, eu sou o primeiro Alberto da família.

JOÃO

Mas não vai ser o último, não senhor. Qualquer dia vai ter um Albertinho subindo nos seus joelhos. Aqui, não, que aqui não há mulheres p'ra isso. Só a D. Yáyá, mas ela não é mulher – é esposa de seu Guerreiro. E minha mãe, que também não é mulher – é minha mãe. Fique à vontade, seu Alberto. O jantar é daqui a meia-hora.

ALBERTO

Obrigado. Vou só refrescar-me.

João sai. Uma vez só, Alberto retira da sua MALA DE COURO os RETRATOS da mãe e da namorada, colocando-os

sobre uma rústica mesa de cabeceira. Abre a janela e observa a selva ao longe.

099 - INT. CASA DE JUCA TRISTÃO / SALA - NOITE

ALBERTO, já de banho tomado, barbeado e de novo vestido com o seu fato e gravata de quando iniciou a viagem, está sentado à mesa na sala de jantar. É um compartimento amplo, arejado, com janelas rasgadas para a varanda, com um PIANO encostado a uma das paredes e uma grande mesa no centro. JUCA TRISTÃO está sentado à cabeceira, GUERREIRO na outra ponta com D. YÁYÁ à esquerda, VELASCO e CAETANO de cada lado do patrão. Alberto ocupa o lugar à direita de Guerreiro. O jantar já vai a meio e o cozinheiro JOÃO está a servi-los a sobremesa. Quando chega a vez de Alberto, sorri-lhe simpaticamente. Alberto procura recuperar os modos educados perdidos naqueles meses na selva. Caetano, pelo seu lado, está pouco à vontade com os talheres, comendo de olhos baixos.

D. YÁYÁ

Como achou a vida em Todos-os-Santos?

ALBERTO

Difícil – e monótona.

VELASCO

(irónico)

Monótona? Husted só lá esteve alguns meses e veja lo que passou: ataques de índios – crimes de passion – febres tropicais. No me diga que queria mais excitação, moço.

ALBERTO

Dessa não... Mas tive saudades de bons livros – de um piano – coisas assim.

JUCA TRISTÃO

João, parabéns. Este doce de mamão estava divino...

D. YÁYÁ

Toca piano, seu Alberto?

ALBERTO

Um pouco – quase nada.

JUCA TRISTÃO

Ora aí estava uma coisa que eu gostava de voltar a ouvir em Paraíso. Desde que a minha mulher partiu esse piano tem estado mudo.

GUERREIRO

Se o Alberto fizesse a gentileza, todos gostaríamos de ouvir.

ALBERTO

Não sei – eu sou fraco pianista...

D. YÁYÁ

Por favor, seu Alberto. Não seja modesto.

Velasco levanta-se um pouco bruscamente.

VELASCO

Se me dão licença, tenho mais que fazer que ficar ouvindo músicas.

JUCA TRISTÃO

Não espera nem pelo café?

Velasco retira-se da sala. Alberto, um pouco incomodado por estar no centro das atenções, ergue-se e dirige-se ao piano. Levanta a tampa que cobre as teclas e passa os dedos por elas, casualmente. Depois senta-se e começa a interpretar uma peça musical. Percebemos que é melhor pianista do que as suas palavras davam a entender. O piano, contudo, está bastante desafinado, conferindo uma dissonância desagradável à melodia. No entanto isto parece não incomodar as pessoas, suspensas na melodia que o português toca. D. Yáyá, particularmente, parece encantada com a situação. Alberto acaba por desistir ao fim de alguns acordes.

ALBERTO

Está muito desafinado – e eu muito destreinado.

D. YÁYÁ

Não, não, esteve muito bem.

JUCA TRISTÃO

É verdade, é verdade – temos pianista. Sabe afinar o piano, seu Alberto?

ALBERTO

Posso tentar.

JUCA TRISTÃO

Então vai fazer isso, sim – para quando eu voltar de viagem...

Antes que Alberto possa responder, o RUGIDO de uma onça faz-se ouvir vindo da selva. Todos olham para a janela.

JUCA TRISTÃO

Essa onça maldita anda de novo rondando por aí. Trate de caçar ela, Guerreiro. Aí o português também pode dar uma ajuda. Parece que sabe tocar o rifle tão bem quanto o piano.

ALBERTO

Tive de aprender. Tive de aprender muita coisa por aqui.

100 - EXT. PARAÍSO / CAIS - DIA

O "JUSTO CHERMONT", o mesmo barco que trouxe Alberto ao Paraíso, está de novo amarrado ao cais do seringal. Vários TRABALHADORES carregam GRANDES FARDOS para o interior do navio. GUERREIRO e D. YÁYÁ, VELASCO, CAETANO e ALEXANDRINO, e o velho TIAGO despedem-se de JUCA TRISTÃO, que vai embarcar. ALBERTO surge com o ARGENTINO e JOÃO, carregando entre eles as malas e bagagens de Juca. Repara no abraço forte e demorado que Tiago dá ao patrão e que este corresponde com naturalidade. Pousam as bagagens no chão, ao pé dos carregadores. Alberto olha com alguma nostalgia para o navio. Os seus pensamentos são interrompidos pela voz de D. Yáyá, mesmo ao seu lado.

D. YÁYÁ

Algum dia vai ser você a embarcar nesse navio, seu Alberto.

Alberto olha para ela.

ALBERTO

Já estive mais certo disso.

101 - INT. CASA DE JUCA TRISTÃO / SALA - DIA

ALBERTO, de mangas de camisa, está debruçado sobre o interior do piano, a afiná-lo. D. Yáyá entra na sala e aproxima-se dele.

ALBERTO

Já está quase, D. Yáyá. Só falta – isto.

Dá um último ajuste numa corda do piano e contorna-o, sentando-se no banco. Faz estalar os dedos e começa a interpretar outra melodia, algo melancólica. D. Yáyá aproxima-se da janela que dá para a varanda. Alberto continua a tocar de memória, olhando-a de vez em quando. D. Yáyá olha-o também e sorri timidamente.

ALBERTO

Quer aprender a tocar, D. Yáyá? Eu podia dar-lhe algumas lições.

D. YÁYÁ

Eu tentei aprender com a esposa de seu Juca – mas ela não tinha muita paciência. Passou pouco tempo por aqui.

Alberto muda para uma música mais animada.

ALBERTO

Tempo é o que não me falta. E paciência – para a senhora, não preciso. Será um prazer.

D. Yáyá volta a aproximar-se do piano e fica embevecida a ouvir Alberto, que agora toca com entusiasmo e alegria.

102 - EXT. CASA DE JUCA TRISTÃO - DIA

VELASCO, escondido na sombra, olha para a casa, ouvindo também ele a MÚSICA que parece encher o Paraíso. Depois cospe para o chão e afasta-se, com ar zangado.

103 - EXT. PARAÍSO / CASINHOLA DE TIAGO – PÔR-DO-SOL ≠

O sol desce sobre a selva, projectando longas sombras que se colam à terra. ALBERTO está na margem do rio, lavando garrafas de vinho, próximo à casinhola onde vive TIAGO. Pára um momento para observar os crocodilos que

nadam a uma distância não muito grande. Começa a ouvir uma MELODIA triste cantada por uma voz rouca. Vê TIAGO que se aproxima, coxeando. Leva um cavalo pelas rédeas. É ele que está a cantar – uma velha canção de escravo. Alberto saúda-o, levando a mão ao chapéu. Tiago pára de cantar mas não corresponde ao seu cumprimento. Alberto fica baralhado, sem perceber a atitude do velho.

104 - INT. CASA DE JUCA TRISTÃO / SALA - NOITE

ALBERTO janta novamente com GUERREIRO e D. YÁYÁ, servidos por JOÃO.

D. YÁYÁ

O seu Alberto não pensa voltar para Portugal?

ALBERTO

Não é assim tão fácil, para um exilado político. E ainda há a minha dívida aqui.

GUERREIRO

Desse assunto o tempo trata.

ALBERTO

Nesse caso, se a oportunidade surgir – gostava de regressar, sim.

D. Yáyá e Alberto trocam olhares discretos.

ALBERTO

Ainda há escravos por aqui?

GUERREIRO

Não. Só se considerar esses mulatos todos que vem para cá em busca de fortuna. E Tiago, que nunca deixou de ser.

ALBERTO

O velho coxo?

D. YÁYÁ

Esse mesmo... É um pobre coitado.

Alberto sugere um brinde.

ALBERTO

Então – ao fim de todas as escravaturas.

GUERREIRO

Eu até brindava a isso, mas – não vai ser nas nossas vidas.

Todos levantam sua taça de vinho. Novos olhares entre Alberto e D. Yáyá.

ALBERTO

Se seu Juca fosse mais justo com os seringueiros, já era um bom começo. Agora, com os preços que cobra por tudo..

GUERREIRO

Não digo que não. Mas esse é um assunto que o amigo devia deixar de lado.
(mudando de assunto)
O amigo gosta de charadas?

ALBERTO

Charadas?!

GUERREIRO

Charadismo. O passatempo dos homens de intelecto. Disciplina o cérebro, dá cultura e ajuda a matar o tempo. O que mais iria eu fazer aqui, se não tivesse essa distração?

Alberto olha para D. Yáyá, que baixa os olhos pudicamente.

105 - INT. CASA DE JUCA TRISTÃO / SALA - NOITE

ALBERTO está a dar uma lição de piano a D. YÁYÁ. Estão os dois sentados, lado a lado. GUERREIRO está sentado na varanda, a beber um brandy e a fumar um charuto. Tem um livro de charadismo aberto na mesa e toma abundantes notas num pequeno caderno. Alberto toca uma escala ascendente, seguida de uma descendente. D. Yáyá tenta também tocar uma escala, com dificuldade. Alberto segura-lhe nas mãos, para explicar como os dedos se devem suceder uns aos outros.

ALBERTO

Não, não – este, depois este, depois este..

D. YÁYÁ

Nunca vou conseguir, seu Alberto. Isto é tão complicado.

ALBERTO

Vai ter de praticar, horas e horas, até desenferrujar os dedos. Ao princípio pode ser muito aborrecido...

Alberto continua a agarrar as mãos de D. Yáyá. De súbito dá-se conta do que está a fazer, e larga-as bruscamente. D. Yáyá sorri de forma algo provocadora.

D. YÁYÁ

Praticar não me assusta, seu Alberto...

Alberto, de súbito transtornado, levanta-se.

ALBERTO

Bom, talvez seja melhor interromper por hoje.

D. YÁYÁ

Talvez seja melhor, sim. Boa noite, seu Alberto.

ALBERTO

Boa noite, D. Yáyá.

Olham-se constrangidos, mas nenhum consegue dar o primeiro passo.

D. YÁYÁ

Durma bem. Tenha bons sonhos.

ALBERTO

Consigo por perto, de certeza que vou ter.

D. Yáyá baixa o olhar, modestamente, e retira-se. Alberto acompanha-a com o olhar.

106 - INT. CASA JUCA TRISTÃO/QUARTO ALBERTO - NOITE

ALBERTO está no seu quarto, preparando-se para se deitar. Batem à porta. Alberto sobressalta-se. Abre a porta. É GUERREIRO, que lhe estende um livro.

GUERREIRO

Tenho uma coisa para si. Um livrinho com mais de duzentas charadas. Acabei-o agora mesmo. Quando estiver sem nada para fazer, pode se divertir a valer.

Alberto recebe o livro com um sorriso meio forçado.

GUERREIRO

Vai ver que ajuda a passar as noites.

ALBERTO

Obrigado, seu Guerreiro.

O homem despede-se com um gesto. Alberto fecha a porta e atira o livro para cima da cama. Dirige-se à janela, para a abrir e aliviar um pouco o calor que se faz sentir. Da janela do seu quarto, vê D. YáYá que sai da casa grande com um CANDEEIRO aceso na mão. Vai de roupão e dirige-se à BARRACA DO BANHO, uma construção situada a alguns metros da casa. Alberto olha-a, pensativo.

107 - EXT. CASA DE JUCA TRISTÃO / ANEXOS - NOITE ≠

ALBERTO, de joelhos, rasteja na escuridão, debaixo da estrutura da casa grande. TEIAS DE ARANHA colam-se-lhe à cara e ele tem de as afastar com as mãos. De repente, ouve um ruído que o faz estacar.

É TIAGO que, bêbado como sempre, passa a alguns metros de Alberto. O velho pára também, olhando em redor. Alberto encolhe-se. Depois, Tiago continua a andar, resmungando em voz baixa.

Alberto recomeça a rastejar. Espeta uma mão num pedaço de madeira partida e faz um esgar de dor. Continua a gatinhar, aproximando-se do BARRACÃO DO BANHO. Este está iluminado, deixando sair das frestas da estrutura de madeira FEIXES DE LUZ que rasgam a noite.

108 - EXT/INT. BARRACO DO BANHO - NOITE ≠

ALBERTO espreita por uma das frestas do barraco do banho. Maravilhado, consegue entrever a nudez de D.YÁYÁ, que toma um duche debaixo de um chuveiro artesanal. Alberto limpa a cara, transtornado. Vira-se e senta-se de costas para o barracão, com a respiração ofegante e os olhos fechados. No interior D. YáYá começa a cantar em surdina uma das melodias ouvidas ao piano. Alberto ajoelha-se e volta a espreitar pela fresta.

109 - INT. BARRACO DO BANHO - NOITE ≠

D. YÁYÁ, de olhos fechados e a cantar, deixa escorrer a água do duche sobre o corpo nu. É um corpo generoso, de formas perfeitas. ALBERTO entra no barraco do banho. A mulher abre os olhos e fixa-o com um olhar insinuante. Alberto, mesmo vestido, abraça-a debaixo da água que cai. De olhos fechados, beijam-se intensamente, apaixonadamente, sem palavras. De repente a água começa a tingir-se de VERMELHO, como se de SANGUE se tratasse. Alberto e D. Yáyá estão ambos vermelhos com o sangue que agora corre em catadupas do chuveiro. Alberto abre os olhos e fica horrorizado. Afasta-se bruscamente da mulher, tentando limpar-se. D. Yáyá, pelo contrário, sorri misteriosamente. O olhar de Alberto é atraído para a porta do barracão. A ONÇA está lá, parada, olhando para os dois. D. Yáyá puxa de novo Alberto para os seus braços. A onça ROSNA.

110 - INT.CASA DE JUCA TRISTÃO/QUARTO DE ALBERTO - DIA

ALBERTO acorda sobressaltado. Estava a ter um pesadelo e foi acordado por alguém que bate à porta do seu quarto. Levanta-se e abre a porta, ainda meio estremunhado. É GUERREIRO.

GUERREIRO

Depressa, seu Alberto! Levanta e traga seu rifle.

ALBERTO

O meu rifle?

GUERREIRO

Sim. Vamos atrás da onça. A safada atacou na pocilga. Desta vez não escapa.

111 - EXT. PARAÍSO / POCILGA - MADRUGADA

ALBERTO e GUERREIRO, de rifles nas mãos, chegam à pocilga. VELASCO e ALEXANDRINO já os esperam lá.

VELASCO

Se despachem, hombres de Dios. A diaba não vai ficar esperando por nós.

A pocilga está toda suja de SANGUE. Um PORCO morto e meio devorado está perto de um trilho sangrento que sai da pocilga em direcção à mata.

ALEXANDRINO

Ela não pode ter ido muito longe carregada com o outro porco. Vamos... por aqui.

Começam a seguir a trilha, em silêncio. Alberto e Velasco cruzam olhares. Chegam a uma bifurcação que quase não se percebe. Alexandrino ajoelha-se e observa o chão.

ALEXANDRINO

Estranho – muito estranho...

GUERREIRO

O quê?

ALEXANDRINO

O caminho se divide aqui. O rastro de sangue segue para a esquerda, mas as pegadas da onça vão para a direita. Muito estranho...

VELASCO

Entonces nos separamos. Guerreiro, siga com Alexandrino o rastro de sangue.
(olhando para Alberto)
Eu e o português seguimos as pegadas.

Alberto olha-o sem fazer qualquer comentário.

112 - EXT. TRILHA NA SELVA – DIA ≠

VELASCO e ALBERTO seguem juntos, procurando indícios da onça. O espanhol, contudo, parece mais preocupado em provocar Alberto.

VELASCO

Bichinho traiçoeiro este, heim, português?

ALBERTO

Devíamos talvez ir em silêncio, se o queremos apanhar.

VELASCO

Também virou especialista em caça, foi?

Alberto não lhe responde e continua atento à selva.

VELASCO

É, bicho traiçoeiro, a onça. Chega de mansinho, sem ninguém perceber, e come nossas mulheres.

Alberto pára e encara Velasco.

ALBERTO

Não percebo onde quer chegar.

O espanhol contorna-o e começa a andar em círculos à sua volta, sem parar de falar.

VELASCO

No se faça de inocente, seu português manhoso. O tonto do Guerreiro pode não perceber, pero yo já vi tudo. Sim, já vi seus olhares para D. Yáyá, suas falinhas mansas... E a música! Ah! D. Yáyá não resiste aos acordes certos, aos encantos de uma bela melodia.

ALBERTO

Você é nojento.

VELASCO

Mas es verdad! D. Yáyá é como os ratos, naquela fábula do flautista. Segue siempre a música – até saltar para o precipício. Pero yo – yo no sei tocar piano. E minha flauta parece no lhe gustar.

Alberto ergue a arma entre ele e Velasco, que pára e faz o mesmo.

ALBERTO

Isso é demais. O senhor Guerreiro não merece...

VELASCO

(interrompendo)

O Guerreiro é um corno feliz. No sabe nada, ou prefere não saber. Pero yo – yo no estou feliz, no.

ALBERTO

O problema é seu!

VELASCO

No – o problema é seu!

Alberto puxa a culatra do rifle. Está verdadeiramente aborrecido. Velasco faz o mesmo. Os dois homens confrontam-se durante um momento de grande tensão até que se ouve um TIRO vindo da selva, logo seguido de OUTRO. Alberto e Velasco olham em simultâneo na direcção dos disparos.

VELASCO

Depois acabamos essa conversa. Não espera pela demora.

Velasco começa a correr. Alberto segue-o e embrenham-se na selva.

113 - EXT. TRILHO NA SELVA / CLAREIRA - DIA

ALBERTO e VELASCO aparecem a correr junto de GUERREIRO e ALEXANDRINO. A ONÇA já está ferida e quase morta, caída no chão a alguns metros de distância dos dois homens. Ainda mexe uma pata e a cabeça. É a mesma onça que tem "seguido" Alberto.

GUERREIRO

Essa já não incomoda mais. Alberto, você nunca matou um bicho assim, já?

ALBERTO

Não, nunca.

GUERREIRO

Então – tenha a honra.

ALEXANDRINO

Sim, seu Alberto. Faça a gentileza!

Alberto sente o olhar dos outros homens fixo nele e cede, contrariado. Levanta a arma e faz pontaria à onça. Respira fundo. Velasco fita-o de olhos semicerrados. Alberto aperta ligeiramente o gatilho com o indicador, hesita um momento... e desiste, baixando o rifle. Velasco não lhe dá segunda hipótese. Ergue a sua arma e dispara um TIRO certeiro. A ONÇA fica subitamente imóvel. Velasco aproxima-se dela e empurra-a com o pé. Depois olha para Alberto.

VELASCO

Você é covarde mesmo, português. Mas
cobardia tem cura...

Alberto vira-lhe as costas e embrenha-se na floresta, sem responder. Guerreiro olha os dois homens, sem perceber donde veio aquela conversa.

114 - INT. CAPELA DE PARAÍSO - NOITE

A capela de Paraíso é uma construção pequena e simples, mergulhada numa penumbra perpétua, com um altar modesto numa extremidade e meia dúzia de filas de bancos. Numa das paredes laterais tem um nicho com uma figura de Nossa Senhora e uma pequena mesinha coberta de velas. É aí que D. YÁYÁ está ajoelhada, rezando devotadamente, de olhos fechados. Passados alguns instantes, D. Yáyá levanta-se e acende uma vela na mesinha. A luz desta desenha-lhe sombras na cara triste.

Ouve um ruído na porta. Olha. É ALBERTO, parado junto à entrada, de chapéu apertado contra o peito. D. Yáyá fecha os olhos e respira fundo. Avança um passo, dois, três, na direcção do português. Este fica parado, ao início, mas depois, como que arrastado por um íman invisível, avança na direcção da senhora. Abraçam-se impetuosamente, sem palavras nem explicações, e beijam-se com fúria, como uma represa que rebenta debaixo da pressão insustentável de uma cheia. A vela faz dançar sombras na cara de Nossa Senhora.

115 - INT. ARMAZÉM - DIA ≠

ALBERTO está sentado na sua secretária, a consultar um livro de contabilidade. FIRMINO, em pé, olha em redor, desconfiado.

ALBERTO

Se você trabalhar sempre assim, o seu saldo vai virar num instante. Ainda para mais, agora não há enganos nas contas..

Firmino olha em redor.

FIRMINO

Eu não vou esperar esse milagre, seu Alberto. Vou fugir deste inferno.

Alberto fecha o livro, chocado com o que ouviu.

ALBERTO

Fugir?! Vão dar-lhe caça como a um animal.
Lembre-se do Agostinho.

FIRMINO

Já está tudo planejado. Só preciso de sua ajuda.

116 - EXT. PARAÍSO / CAIS - DIA ≠

Movimento e excitação no ancoradouro de Paraíso. JUCA TRISTÃO regressa de viagem.

ALBERTO (V.O.)

O REGRESSO DE JUCA TRISTÃO AO PARAÍSO,
DEPOIS DE DOIS MESES DE VIAGEM, TROUXE
CONSIGO MUITAS SURPRESAS.

Estão à sua espera no ancoradouro GUERREIRO, D. YÁYÁ e ALBERTO; ALEXANDRINO e, finalmente, TIAGO. Há MUITOS CURIOSOS, por ser fim de semana. JUCA desembarca, seguido por um grupo de japoneses.

ALBERTO (V.O.)

ESSE DIA MARCOU O FIM DA MINHA APRENDIZAGEM
COMO SERINGUEIRO E COMO CONTABILISTA.
E O INÍCIO DA MINHA APRENDIZAGEM COMO HOMEM.

Tiago é o primeiro a avançar para o receber.

JUCA TRISTÃO

Ei, Estica, como é que vai essa força?

Tiago abraça o patrão. Em seguida, vai pegar algumas bagagens para ajeitar num carro de bois.

JUCA TRISTÃO

E aí, seu Guerreiro, novidades?

GUERREIRO

A onça voltou a atacar a pocilga – mas dessa vez pegamos a bicha. E esses japoneses, quem são?

JUCA TRISTÃO

Agricultores. Seguem hoje mesmo p'ra Popunhas, para começar novas plantações. O preço da borracha não para de cair. A borracha é o passado meu amigo!

As pessoas vão deixando o ancoradouro em direcção aos barracões, em conversas paralelas e animadas.

Juca afasta-se, pondo o braço no ombro de Tiago.

117 - EXT. PARAÍSO/ TERREIRO - NOITE ≠

Festa do Boi-bumbá. Grande animação de PESSOAS no terreiro principal do Paraíso, por trás da casa grande. Ao redor de uma fogueira, toda a gente se cumprimenta e se diverte com as evoluções do "BOI" e do CASAL que o conduz. O "boi" é uma estrutura de madeira, coberta de pano de chita colorida e cuja cabeça, aproveitada a cabeça de um boi verdadeiro, é toda enfeitada de pequenos espelhos, vidrinhos e fitas coloridas. Por debaixo da estrutura coberta de pano, TIAGO, o coxo, faz o boi ziguezaguear entre as pessoas com movimentos mais ágeis do que a sua perna manca daria a suspeitar. Uma BANDINHA com maracas, tambores e acordeão faz a música que vai alegrando a pantomima. Na sua evolução, o "boi" é sempre precedido de UM CASAL, cuja mulher é um homem travestido.

Pela festa circulam, em sítios diferentes, GUERREIRO e D. YÁYÁ, acompanhados por ALBERTO; JUCA TRISTÃO e VELASCO; e TODAS AS OUTRAS CARAS conhecidas de Paraíso, com excepção de FIRMINO.

Alberto e D. Yáyá trocam olhares discretamente, mas apesar disso seguem num silêncio embaraçado. A certa altura encontram-se com Juca e Velasco.

GUERREIRO

Veja, seu Juca. Toda a gente celebrando seu regresso.

JUCA

Ora, Guerreiro. Se soubessem que eu não voltava mais, aí é que ia ser festa rija.

D. YÁYÁ

Não diga isso, seu Juca. Paraíso não é o mesmo quando seu Juca está por fora.

JUCA

Ouvi dizer que seu Alberto deu bom uso ao piano.

D. YÁYÁ

Seu Alberto é um mestre nas brancas e pretas.

ALBERTO

Não exagere, D.Yáyá.

Velasco ouve a conversa com cara de poucos amigos.

118 - EXT. PARAÍSO/ CAIS - NOITE/ AO MESMO TEMPO ≠

Ouve-se a música da festa, tocada à distância. FIRMINO está a limar a CORRENTE que prende as canoas ao cais, enquanto outro seringueiro, de nome MANDUCA, está de vigia.

119 - EXT.PARAÍSO/ TERREIRO - NOITE/ AO MESMO TEMPO ≠

A MÚSICA que a banda está a tocar muda para um outro tema, ainda mais animado. JUCA TRISTÃO começa a andar em direcção à casa.

JUCA TRISTÃO

Vamos todos para um sítio mais sossegado. Trouxe um conhaque, Guerreiro, que você nunca bebeu nada assim.

120 - EXT. PARAÍSO / CAIS - NOITE / AO MESMO TEMPO ≠

FIRMINO olha para a casa de Juca, ao longe, iluminada pela festa que está a decorrer. Quando a corrente se parte o cearense vai esconder a LIMA debaixo de uma tábua solta. Depois, em silêncio, empurra uma CANOA GRANDE para longe das outras e assobia, chamando MANDUCA.

**121 - EXT. VARANDA DA CASA DE JUCA TRISTÃO - NOITE/AO
MESMO TEMPO ≠**

Na varanda de Juca, iluminados pela luz da festa, D. YÁYÁ e ALBERTO estão encostados ao parapeito, lado a lado, olhando a animação que decorre no terreiro. Falam em voz baixa, observados por JUCA e VELASCO, que estão um pouco afastados.

GUERREIRO está sentado numa cadeira, concentrado num dos seus livros de charadas.

Juca, com um sorriso cínico, mete-se com o galego.

JUCA

Está vendo, Velasco. Eu sempre disse que você devia aprender a tocar piano.

VELASCO

Deixe de sacanagem, seu Juca. Olhe, eu vou dar uma vista de olhos por aí. Por precaução...

122 - EXT. PARAÍSO / CAIS - NOITE / AO MESMO TEMPO

Continua a ouvir-se a música da festa. FIRMINO vê um vulto sair para a varanda da casa grande. Os DOIS SERINGUEIROS param e escondem-se na sombra. Subitamente, as restantes CANOAS começam a soltar-se e a ser arrastadas pela corrente espalhando-se pelo rio num movimento denunciador. Firmino olha aflito para as canoas, sem poder fazer nada. Finalmente o vulto regressa ao interior da casa, aparentemente sem ter visto nada. Firmino e o companheiro voltam a empurrar a CANOA roubada. Um pouco mais abaixo saltam para dentro dela e começam a remar em silêncio.

123 - EXT. RIO MADEIRA - NOITE / MAIS TARDE

Na margem do rio um outro seringueiro, de nome ROMUALDO, espreita a chegada da canoa. Com um assobio chama mais DOIS HOMENS, que saem da mata. Estes juntam-se a FIRMINO e a MANDUCA.

124 - EXT. PARAÍSO / CURRAL - DIA

JUCA TRISTÃO, com TIAGO a seu lado, observa ALEXANDRINO enquanto este tenta domar um cavalo selvagem. O animal resiste mas o cavaleiro não se deixa derrubar e aguenta-se até o acalmar. Juca sorri, satisfeito.

JUCA TRISTÃO

Este Alexandrino é parente do diabo. Olha para aquilo, Estica. Não se lembra que eu era assim na idade dele?

CAETANO chega a correr, quase sem fôlego. Juca observa-o, apreensivo.

125 - INT. ARMAZÉM / ESCRITÓRIO - DIA

JUCA TRISTÃO, acompanhado por CAETANO, entra de rompante no escritório onde GUERREIRO e ALBERTO trabalham. Juca vem furioso.

GUERREIRO

O que foi, seu Juca? Aconteceu alguma coisa.

Alberto presta atenção às palavras de Juca.

JUCA TRISTÃO

Cinco homens deixaram os seringais. Me roubaram uma canoa e zarparam.

CAETANO

O Manduca, do acampamento de Popunhas; o Romualdo, do Igarapé-Assu; o Firmino, de Todos-os-Santos; e os dois irmãos, lá de Lagoa.

JUCA TRISTÃO

Cachorros! Cabras malandros e sem vergonha! É como se fossem ladrões -isso é que é. Comem à minha custa e depois cospem na minha mão. Que me diz a isso, seu Guerreiro?

Guerreiro faz um gesto vago.

JUCA TRISTÃO

O senhor há logo de ver quanto eles me devem!

GUERREIRO

(chamando)

Ó seu Alberto! Veja aí os livros das despesas.

(para Juca)

Não desconfia para onde eles fugiram?

Alberto começa a consultar os livros dos trabalhadores.

JUCA TRISTÃO

E como é que eu vou saber?! Rio abaixo é o mais natural, porque nem é preciso remar.

CAETANO

Mas p'ra baixo só tem seringais cansados – e se forem para Humaitá, o seu Bacelar bota todos eles na cadeia, sou capaz de apostar.

JUCA TRISTÃO

Quero apanhar esses fujões antes disso, que cadeia é pouco para esses filhos da puta.

126 - EXT. PARAÍSO / CAIS - DIA

No cais, CAETANO, ALEXANDRINO e o ARGENTINO embarcam numa canoa e começam a remar rio abaixo. VELASCO observa outros HOMENS que recolhem as canoas encalhadas nas margens do rio. Aproxima-se da CORRENTE partida e agacha-se ao pé dela, observando a aresta limada. Olha para o armazém.

127 - INT. ARMAZÉM / ESCRITÓRIO - DIA

No escritório, ALBERTO acaba as contas.

ALBERTO

Tudo somado, seu Juca, dá mais ou menos sete contos.

JUCA TRISTÃO

Sete contos?! Sete contos por água abaixo. Eu aqui a me sacrificar, longe da minha mulher, do meu filho, e os desgraçados a me roubarem assim. Eu mato esses cabras!

128 - INT. ARMAZÉM / BALCÃO - DIA

VELASCO entra no armazém e passa para trás do balcão. Sobe para um escadote e tira uma GAVETA do armário, colocando-a em cima do balcão. Começa a retirar LIMAS de dentro da gaveta, observando-as com atenção.

129 - EXT. PARAÍSO / CAIS - DIA ≠

JUCA TRISTÃO, ao lado de VELASCO, olha para a corrente limada. O galego tem o rifle na mão. ALBERTO e GUERREIRO também lá estão.

Dois CROCODILOS que nadam no rio chamam a atenção do patrão. Juca pega no rifle de VELASCO, faz pontaria e dispara contra os animais. O primeiro tiro falha, o segundo também, até que o terceiro acerta num, que começa a revirar-se, deixando a água ensanguentada.

JUCA TRISTÃO

Cabrões! Uma lima?! Guerreiro, nós vendemos alguma lima nos últimos tempos?

GUERREIRO

Penso que não... Seu Alberto?

ALBERTO

Não, nenhuma. Desde que eu estou aqui, nenhuma.

Velasco afasta-se com um ar satisfeito.

JUCA TRISTÃO

Estica! Estica! Vem cá!

130 - EXT. PARAÍSO / CAIS - DIA / MAIS TARDE

TIAGO tem uma LARANJA pousada em cima da cabeça. Ouve-se um TIRO e a laranja explode. ALBERTO, com ar incrédulo, está parado ao lado de GUERREIRO. VELASCO está ao lado de JUCA, satisfeito.

JUCA TRISTÃO

Firmino não era seu amigo, seu Alberto?

ALBERTO

Não era - é.

Juca joga outra laranja a Tiago, que a agarra no ar e coloca na cabeça.

JUCA TRISTÃO

(para Alberto)

E você não sabe como é que os fugitivos arranjaram uma lima?

ALBERTO

Talvez fosse de um deles. Não sei.

Juca faz pontaria de novo. Alberto adianta-se e coloca-se entre Tiago e a arma de Juca.

ALBERTO

Seu Juca. É de mim que o senhor suspeita...

TIAGO

Seu Alberto, não faça isso.

ALBERTO

(continuando)

... Tiago não tem nada a ver com esta conversa.

VELASCO

Mira o português – está loco de todo.

Juca baixa o rifle.

JUCA TRISTÃO

'tá me dando ordens, moço? Eu e Estica já fazemos isto há muito tempo.

ALBERTO

Mas agora não me parece oportuno, seu Juca.

Juca olha para Velasco, que perdeu o sorriso.

JUCA TRISTÃO

(para Alberto)

Se acha que isso é assim, porque é que não substitui o Estica. Tome, segure aí.

Joga uma LARANJA a Alberto, que a agarra e fica durante um momento sem saber o que fazer.

GUERREIRO

Seu Juca, por favor...

JUCA TRISTÃO

Não se meta, Guerreiro! Esse assunto não lhe diz respeito.

Alberto sai da frente de Tiago e coloca a laranja na própria cabeça, encarando-o em tom de desafio. Tiago continua imóvel no seu lugar, com a laranja no topo da cabeça. Juca ergue de novo o rifle e começa a fazer pontaria a Alberto.

JUCA TRISTÃO

Seu Alberto. Você era capaz de mentir para mim?

ALBERTO

Era. Mas hoje não é o caso.

GUERREIRO

Seu Juca...

VELASCO

Sai fora, Guerreiro.

Juca tem a arma apontada para Alberto. Entroolham-se durante um longo momento. Depois Juca desvia bruscamente o rifle e dispara em direcção a Tiago. Desta vez, contudo, o projectil acerta de raspão no velho, que cai de joelhos agarrado à cabeça, sangrando. Tiago olha o patrão com os olhos muito abertos. Alberto e Guerreiro correm para Tiago.

GUERREIRO

Tiago!

ALBERTO

Tiago!

JUCA TRISTÃO

(olhando a arma)

Filha da puta! Não é que falhei, Velasco?
Seu rifle está desafinado.

131 - INT. PARAÍSO / CASINHOTO DE TIAGO - DIA ≠

D. YÁYÁ cuida de TIAGO, pondo-lhe um curativo na cabeça. ALBERTO aparece à porta da casinhola e espreita os cuidados da senhora para com o velho preto. Trocam olhares. Alberto faz menção de querer entrar.

ALBERTO

Posso ajudar?

D. YÁYÁ

Não é preciso, o fermento é leve. Ele vai ficar bom logo! Se o seu Alberto não se importa, preferia fazer isso sozinha.

ALBERTO

Preciso de falar consigo, D. Yáyá.

D. YÁYÁ

Agora não, você está louco. Some daqui, vai.

Alberto obedece à senhora e sai. Tiago estende a mão para Alberto.

TIAGO

Seu Alberto!

ALBERTO

Sim?

TIAGO

Para branco, você não é tão mau assim...

Tiago baixa o olhar, sem mais palavras. Alberto sai de vista. Tiago olha para D. Yáyá, que sorri com ternura.

132 - EXT. PARAÍSO / CASINHOTO DE TIAGO - DIA

ALBERTO, escondido atrás de uma árvore, espera por D. YÁYÁ. Quando ela sai da cabana de Tiago o português puxa-a para o meio dos arbustos.

ALBERTO

Por favor, Yáyá... Não fuja de mim.

Beijam-se apaixonadamente até D. Yáyá afastar Alberto.

D. YÁYÁ

Isto não está certo! Temos de parar.

ALBERTO

Eu sei, eu sei. Pensa que eu não sei?

Voltam a beijar-se.

D. YÁYÁ

Se alguém nos vê... Se meu marido descobre...

D. Yáyá solta-se de Alberto e foge pelo caminho. Alberto esmurra a árvore com violência.

133 - EXT. RIO MADEIRA / MARGEM - PÔR-DO-SOL ≠

Os cinco FUGITIVOS comem na margem do rio, sentados em volta das brasas de uma FOGUEIRA. A CANOA está escondida por arbustos. De repente FIRMINO pára de comer e olha para o rio. Apressadamente, com os pés, lança terra para cima das brasas e, por gestos, manda os companheiros abrigarem-se. Escondidos atrás de arbustos, vêem passar a canoa com CAETANO, ALEXANDRINO e o ARGENTINO. Os homens de Juca remam rapidamente, perscrutando as margens com atenção. Os cinco fugitivos acompanham-nos com o olhar, até os outros desaparecerem.

134 - INT/EXT. CASA DE JUCA TRISTÃO/ QUARTO DE ALBERTO-NOITE ≠

Impaciente, ALBERTO espreita pela janela, olhando para a casa de banhos no fundo do quintal.

Finalmente D. YÁYÁ aparece, de roupão. Desta vez, contudo, a senhora olha na direcção da janela, como numa espécie de convite. Alberto fecha os olhos, respirando fundo.

135 - EXT/INT. BARRACO DO BANHO - NOITE/MAIS TARDE ≠

ALBERTO, silenciosamente, aproxima-se do barraco dos banhos. Abre a porta. D. YÁYÁ, com uma TOALHA enrolada à volta do corpo nú, espera por ele. Alberto entra e pára, olhando para a mulher. D. Yáyá deixa a toalha deslizar para o chão, estendendo os braços para Alberto. Este avança, hesitante, e abraça-a. Enlaçam-se, beijando-se com fervor. Fazem amor ali mesmo, em pé, contra a parede de madeira, de forma apaixonada e impetuosa. No exterior da cabana, os FEIXES DE LUZ que saem pelas frestas são tapados e destapados, denotando a agitação de corpos que vai no interior.

136 - EXT. RIO MADEIRA - DIA

A canoa que leva FIRMINO e seus companheiros de fuga desliza suavemente pelo rio. MANDUCA, que vai à frente, avista uma PEQUENA FOGUEIRA à distância, junto à margem de uma curva que o rio faz.

MANDUCA

(em voz baixa)

Ali! Olha, Firmino!

Todos param de remar. Os DOIS IRMÃOS pegam nos seus rifles.

FIRMINO

Calma, nada de afobação. Deixem os rifles abaixados até sabermos do que se trata.

À volta da fogueira estão TRÊS HOMENS, também seringueiros, que preparam o seu café. Um MULATO grita uma saudação.

MULATO

Ei, vão se achegando! Tem café p'ra todos.

Desconfiados e indecisos, os fugitivos entreolham-se.

MANDUCA

Vamos parar um pouco?

FIRMINO

Não sei, não.

ROMUALDO

Os homens não 'tão armados.

FIRMINO

É isso é que é mais estranho.

Firmino deixa a canoa deslizar junto a terra, observando o cenário com cuidado.

MULATO

Home! Pare um minuto. Nem que seja p'ra nos dar notícias.

FIRMINO

Vamos então.

Com algumas remadelas rápidas encostam à margem e desembarcam. Firmino e Manduca avançam para os homens. Romualdo e os dois irmãos ficam próximos do barco e dos rifles.

FIRMINO

Bons dias.

O mulato responde, os outros dois apenas levantam o chapéu.

MULATO

'n dia. Onde é que vão tão cedinho?

FIRMINO

P'ro norte, à procura de seringal melhor p'ra se trabalhar. E que pague melhor, também.

O mulato ajoelha-se junto ao café e começa a servi-lo em duas CANECAS. Fala para os companheiros.

MULATO

Ouviram? É o que eu dizia. Seu Juca Tristão não paga bem.

FIRMINO

Quem é que disse que a gente trabalhava p'ro Juca Tristão?

O mulato olha para Firmino com ar comprometido. Manduca recua um passo, atento.

MULATO

Ora! Essas terras de onde vocês vêm, daqui p'ra trás, são todas do seu Juca Tristão – ou não são?

Firmino começa a afastar-se.

FIRMINO

(para Manduca)
Vamos embora.

MULATO

Nem vão provar o café?

De repente, surgem da mata mais SETE ou OITO HOMENS armados de rifles. Manduca larga a correr em direcção à

canoa. Um dos homens dispara, acertando-lhe numa perna. Firmino atira-se contra o mulato e imobiliza-o.

FIRMINO

Romualdo, os rifles... Defendam-se, porra!

Correria geral. Romualdo e os dois irmãos apanham os seus RIFLES e jogam-se para trás do barco. Manduca continua a rastejar mas um dos atacantes põe-lhe o pé em cima das costas e encosta-lhe o cano do RIFLE à cabeça. Romualdo, escondido atrás do barco, espreita com ar aflito, sem saber o que fazer.

MULATO

(gritando)

É melhor se entregarem, senão vai correr sangue!

Firmino encosta uma faca ao pescoço do mulato. O atacante de Manduca dispara um tiro para o ar e volta a encostar a arma ao seringueiro. Os restantes atacantes começam a aproximar-se lentamente do barco, de rifles em punho.

MULATO

(para Firmino)

Não seja louco moço!

Firmino larga finalmente o pescoço do mulato e ergue-se, de mãos no ar. Deixa cair a faca. Romualdo vê o companheiro render-se e olha para os dois irmãos. Depois atira o RIFLE para o outro lado do barco, erguendo-se também de mãos no ar. Os atacantes avançam em bloco, prendendo os seringueiros sem violência excessiva. O mulato levanta-se, esfregando o pescoço.

MULATO

(para Firmino)

'ocê fez o certo. Assim é melhor p'ra todos.

137 - INT. ARMAZÉM - DIA

É o meio da tarde. ALBERTO está ajoelhado no chão, a engarrafar vinho de um barril. Olha para uma pequena LAGARTIXA que passeia pelo tecto do armazém. Depois olha em volta, e prova um gole de vinho. Repara no seu reflexo na garrafa de vidro. Esfrega a cara e contorna o perfil do nariz com as mãos, como se estivesse a ver-se

pela primeira vez. De repente, ouve TIROS no exterior. Corre para a janela.

138 - EXT. PARAÍSO - DIA

Da janela ALBERTO vê um grupo de homens, escoltados por outros homens armados de rifles. Estes disparam mais dois ou três tiros para o ar, em celebração. Alberto reconhece os FUGITIVOS. FIRMINO vem à frente. MANDUCA, logo atrás, caminha com dificuldade, arrastando uma perna ligada com um pano ensanguentado. Trazem todos a expressão abatida pelo cansaço e pela humilhação de estarem prisioneiros. Caminham de cabeça baixa, amarrados uns aos outros nas mãos e nas cinturas por cordas. Algumas pessoas juntam-se ao redor do grupo, que avança em direcção ao barracão do armazém de JUCA TRISTÃO.

JUCA TRISTÃO, acompanhado por VELASCO, vem receber o grupo de recém-chegados. Firmino, como que atraído pelo olhar de Alberto, levanta a cabeça na sua direcção. Durante um momento olham-se nos olhos, à distância. Velasco e Juca acompanham o olhar de Firmino e vêm Alberto à janela.

139 - EXT. PARAÍSO / BARRACÃO VELHO - DIA

Os prisioneiros, agora escoltados por CAETANO e ALEXANDRINO, são levados para um barracão velho que guarda ferramentas e alimentos para o gado. Ali, são amarrados como os animais, com cordas e CORREIAS DE COURO a umas argolas presas a vigas de madeira que servem de sustentação ao tecto. Alexandrino fecha a porta do barracão e sai, cruzando-se com o coxo TIAGO que, de olhar perdido, contempla a porta que acabou de ser fechada.

ALEXANDRINO

Cai fora, Estica! Desaparece!

Tiago afasta-se cantando uma velha e triste CANÇÃO de escravo.

140 - EXT. PARAÍSO - DIA ≠

JUCA TRISTÃO e VELASCO estão na entrada do armazém com o MULATO e os restantes CAPTORES JAGUNÇOS.. Juca está a contar dinheiro, que entrega ao mulato.

JUCA TRISTÃO

Mil e trezentos, mil e quatrocentos... mil e quinhentos réis...

(para o Argentino)

Ó Argentino, dá umas garrafas de cachaça a estes homens. Fizeram um bom trabalho.

MULATO

Trabalho mesmo é que vinha a calhar, seu Juca. Se precisar de gente p'ro lugar desses home...

JUCA TRISTÃO

Para os seringais não vou precisar, não. Mas p'ro gado... Sabe trabalhar com o gado?

MULATO

Sei, sim senhor.

JUCA TRISTÃO

Então Caetano já fala com vocês.

MULATO

Muito obrigado, seu Juca, Deus lhe pague.

O mulato retira-se. Juca fala para Velasco.

JUCA TRISTÃO

Alguém vai me pagar estes mil e quinhentos réis... Descubre como eles fugiram, Velasco. Faz o que for preciso - mas descubre.

Velasco acena afirmativamente.

VELASCO

Alexandrino!

141 - EXT/INT. PARAÍSO / BARRACÃO VELHO - NOITE

No exterior do barracão, o Argentino está de guarda, com o RIFLE nos braços. No interior VELASCO faz o

interrogatório dos prisioneiros, assistido por ALEXANDRINO e CAETANO.

VELASCO

Tenemos la noche inteira, no se preocupem.
Mais hora, menos hora vão acabar hablando.
(para Romualdo)
Tem mas gente querendo fugir?

ROMUALDO

Não sei, não senhor.

Alexandrino dá-lhe uma pancada violenta.

VELASCO

No sabe...
(para Firmino)
E usted, Firmino? Há mais fugitivos?

Firmino não responde. Alexandrino aproxima-se de Firmino.

CAETANO

O seu Velasco fez uma pergunta. É melhor responder.

Firmino continua em silêncio.

ALEXANDRINO

Você sempre foi teimoso, Firmino.

Alexandrino dá-lhe um soco na boca do estômago. Firmino encolhe-se e tosse, aflito.

VELASCO

De quem foi a ideia da fuga, Firmino? Foi usted o génio?

Como não obtém resposta, Velasco acena a Alexandrino, que volta a esmurrar Firmino, desta vez na cara. O sangue espirra do nariz de Firmino. Este olha para Velasco e cospe na sua direcção, acertando-lhe na camisa.

VELASCO

Cabrón!

Alexandrino esmurra violentamente Firmino, várias vezes de seguida. Entretanto, Velasco aproxima-se de Manduca que está sentado no chão, amarrado de costas a um pilar.

VELASCO

Seu Firmino no puede hablar ahora. Talvez o seu Manduca tenha mas que contar? Onde arranjarão a lima para serrar las correntes? Quien lhes dio la lima?

MANDUCA

Não sei. E se soubesse – não dizia.

VELASCO

Quiero ver hasta onde va essa brabeza, mulato del carajo!

Velasco pisa a ferida de Manduca, que se contorce e geme com dores. Alexandrino pára de bater em Firmino.

VELASCO

Habla, cabrón!

FIRMINO

Cobarde! Vem aqui, seu Galego de merda!

Velasco volta a pisar a perna do seringueiro, calcando com a bota. Caetano avança para Velasco, um pouco incomodado com a brutalidade do espanhol.

CAETANO

Velasco, isso – já é demais.

VELASCO

Hijos de mala madre. Mierda!

Caminha para a porta do armazém.

VELASCO

Argentino! Venha já aqui!

142 - EXT. PARAÍSO/BARRACÃO VELHO - NOITE / MAIS TARDE ≠

VELASCO está a fumar um CHARUTO à porta do barracão. ALBERTO aproxima-se, saindo da escuridão.

VELASCO

O que usted quer, português?

ALBERTO

Saia da frente. Quero ver Firmino.

Velasco interpõe-se entre ele e a porta, empunhando ostensivamente o RIFLE.

VELASCO

Husted no tien querer aqui. Firmino está hablando com Caetano e Alexandrino. Una longa conversa..

ALBERTO

Deixe-me passar.

VELASCO

No!

Enfrentam-se de novo, mas agora Velasco, armado, está em superioridade.

VELASCO

Eu sei que foi usted quien lhes dio la lima, português. Ahora es una question de tiempo..

Nesse momento surge TIAGO, saindo da noite. Passa pelos dois homens, como se eles não existissem, e avança até à porta do barracão, como se fosse abri-la.

VELASCO

Estica! O que está usted haciendo?

Como o velho não lhe responde, Velasco encosta-lhe a arma ao peito, empurrando-o com o cano. Tiago olha-o, inexpressivo.

TIAGO

O que 'ocês 'tão fazendo a esses home?

VELASCO

Isso no es nada consigo, Estica!

Tiago volta-se de novo para a porta, e começa a abri-la. Velasco aponta-lhe a arma.

VELASCO

Preto de merda!

De súbito Alberto agarra na arma de Velasco e empurra-o contra a porta do armazém, com violência. Os dois homens começam a disputar a posse da arma, empurrando-se e puxando-a. A porta do armazém abre-se e surge ALEXANDRINO, com o seu RIFLE na mão. CAETANO e o ARGENTINO estão atrás dele.

ALEXANDRINO

Seu Alberto, largue a arma. Não me obrigue...
Por favor.

Alberto olha para Alexandrino e acaba por largar a arma de Velasco, que o empurra para trás, tentando recompor-se. Tiago espreita para o interior do barracão. Alberto vira as costas e parte em passo acelerado em direcção à casa grande.

143 - EXT. CASA DE JUCA TRISTÃO / VARANDA - NOITE ≠

ALBERTO avança em passo rápido pela varanda da casa. Da sala chegam-lhe os acordes desencontrados de alguém que brinca com o piano.

144 - INT. CASA DE JUCA TRISTÃO / SALA - NOITE

ALBERTO entra na sala de rompante, chamando a atenção de todos. JUCA TRISTÃO – era ele quem "tocava" o piano – pára por um breve instante, mas logo retoma o que estava a fazer como se nada tivesse acontecido. GUERREIRO, que estava sentado junto a D. YÁYÁ, levanta-se tentando interceptar Alberto no seu caminho para Juca.

GUERREIRO

Seu Alberto. Moço! Venha comigo.

Alberto continua a andar e vai especar-se ao lado de Juca, que o olha indiferente, sem deixar de "tocar" acordes cada vez mais dissonantes.

ALBERTO

Seu Juca Tristão. Isto não pode ser.

JUCA TRISTÃO

O quê não pode ser, moço? O piano?

ALBERTO

Não brinque, seu Juca. Estou a falar de coisas muito sérias.

JUCA TRISTÃO

Ah, coisas sérias..
(continuando a tocar)

Roubo – isso sim, é coisa séria. É disso que está falando, seu Alberto?

Nesse momento VELASCO e ALEXANDRINO entram na sala, ambos armados. Alberto olha para eles de relance.

ALBERTO

Se quisesse falar de roubo, passávamos aqui uma noite inteira. Não, seu Juca. Estou a falar do que se passa com Firmino e os outros homens.

(apontando Velasco)

Os seus cães de fila estão a torturá-los.

JUCA TRISTÃO

Isso é verdade, Velasco? Estão a abusar dos homem?

VELASCO

Claro que no, seu Juca. O português enlouqueceu, está na cara.

JUCA TRISTÃO

Está a ver, seu Alberto. Não tem razão para se preocupar.

Pára de "tocar" e levanta-se.

JUCA TRISTÃO

Vá, senta aqui e toca uma música para nós. Para D. Yáyá. Aquela do outro dia..

ALBERTO

Nem pense nisso, seu Juca. Eu quero ver Firmino e os outros. Quero vê-los já!

JUCA TRISTÃO

Amanhã. Amanhã verá todos.

(para a senhora)

D. Yáyá, chegue aqui.

D. Yáyá ergue-se e enfrenta Juca durante um momento.

D. YÁYÁ

Não me apetece, seu Juca. Vou-me retirar.

Vira as costas e sai da sala. Juca fica furioso.

JUCA TRISTÃO

Guerreiro, vá com sua mulher. Ponha uma trela nela, que está ficando muito solta...
(mais calmo, para Alberto)

E você, moço, fique tranquilo. Velasco talvez se tenha entusiasmado um pouco, mas agora vamos todos dormir. Alexandrino, acompanha seu Alberto ao quarto.

ALBERTO

Seu Juca, eu acho...

JUCA TRISTÃO

Vá dormir, moço. Dou-lhe minha palavra de honra que seu amigo fica bem.

ALEXANDRINO

Venha, seu Alberto.

Alexandrino empurra Alberto. Juca sorri-lhe.

JUCA TRISTÃO

Vá dormir. Amanhã estaremos todos mais calmos.

Alberto, resignado, segue Alexandrino.

145 - EXT. CASA DE JUCA TRISTÃO / VARANDA - NOITE

JUCA TRISTÃO toma um conhaque na varanda, olhando para a noite escura. VELASCO surge na escuridão trazendo na mão uma grande ESPINHA DE PIRARUCU, de aspecto ameaçador. Mostra-a a Juca. O patrão ergue o cálice, num brinde. Velasco volta a desaparecer no escuro.

146 - INT. CASA DE JUCA TRISTÃO/QUARTO DE ALBERTO - NOITE

ALBERTO, de tronco nu e suado, não consegue dormir. Revira-se na cama, incomodado. Senta-se com os pés para fora. Levanta-se e chega-se à janela, olhando para a escuridão. Volta para dentro. Olha para a porta. Abre-a e espreita. ALEXANDRINO está sentado no corredor, com a arma entre os joelhos. Olha para Alberto, sem expressão. Alberto hesita por alguns instantes, mas depois fecha a porta e vai lavar a cara.

**147 – INT/ EXT. CASA DE JUCA TRISTÃO/QUARTO DE ALBERTO –
NOITE ≠**

ALBERTO acorda sobressaltado. Levanta-se e vai lavar de novo a cara. Parece-lhe ouvir GRITOS. Chega à janela e vê TIAGO, iluminado por uma misteriosa luz alaranjada, que grita aos quatro ventos.

TIAGO

Fogo! Fogo! A casa está queimando, está tudo pegando fogo!

Alberto corre para a porta.

148 – INT. CASA DE JUCA TRISTÃO / CORREDOR – NOITE ≠

ALBERTO sai para o corredor, ainda a calçar-se. ALEXANDRINO acorda e levanta-se, de rifle na mão.

ALEXANDRINO

Seu Alberto...

ALBERTO

É um incêndio! A casa está a arder!

Na outra extremidade do corredor abre-se a porta e GUERREIRO espreita, para ver a causa de tanta excitação.

149 – EXT. CASA DE JUCA TRISTÃO – NOITE ≠

Uma das extremidades da casa de Juca Tristão está envolta em CHAMAS. É precisamente aquela onde estão os aposentos do patrão. ALBERTO, GUERREIRO e ALEXANDRINO, ainda sem saberem bem o que se passa, surgem a correr. D. YÁYÁ vem um pouco atrás deles, a compor o seu ROUPÃO.

GUERREIRO

Chamem o pessoal... e manda todo mundo trazer panelas e baldes...

ALBERTO

Fogo! Fogo! Acorda, João!

Algumas PESSOAS vão aparecendo aqui e ali, em pijamas e camisas de dormir.

GUERREIRO

Depressa, depressa, vão fazendo uma fila e passando o vasilhame com água...

Surgem CAETANO e VELASCO, de um lado, e o ARGENTINO, de outro.

GUERREIRO

Alexandrino – traga uma escada, depressa! Uma não, traga quantas tiver. Subam ao telhado e vão destelhando.

ALBERTO

Façam uma fila para passar a água...

150 - EXT. CASA DE JUCA TRISTÃO - NOITE / MAIS TARDE

O combate contra o incêndio decorre desesperadamente. Há um cordão humano que leva vasilhas com água até ALBERTO, que está na escada. Este passa-as a ALEXANDRINO, que está em cima do telhado e as despeja sobre o fogo. As mãos, contudo, são poucas para o tamanho do incêndio e a água não chega ao ritmo que era preciso.

ALBERTO

Seu Guerreiro! Isto assim não chega. Precisamos mais homens!

GUERREIRO

Até chegarem aqui isto já queimou tudo.

Alberto salta para o chão, sendo substituído pelo Argentino.

ALBERTO

Há os prisioneiros.

Guerreiro olha-o durante um breve instante, hesitante.

GUERREIRO

Velasco! Vai soltar os prisioneiros p'ra ajudar.

VELASCO

Não. Sem ordem de seu Juca, não.

GUERREIRO

Seu Juca está preso lá dentro. Solta eles se você quer salvá-lo.

VELASCO
(para Caetano)
Vai!

151 - EXT/INT. PARAÍSO / BARRACÃO VELHO - NOITE

CAETANO chega a correr ao barracão. ALBERTO acompanha-o. Abrem a porta e entram. Alberto fica chocado com o estado em que encontra os prisioneiros, cheios de feridas e nódoas negras. O seu olhar é atraído pela ESPINHA DE PIRARUCU caída no chão, coberta de sangue. Firmino está muito fraco. Alberto ajuda-o a erguer-se.

ALBERTO
Você está bem, Firmino? Consegue andar?

Firmino tenta sorrir.

FIRMINO
Isso não é nada, seu Alberto. Carinhos de seu Velasco...

Alberto olha com raiva para Caetano, que desvia o olhar.

152 - EXT. CASA DE JUCA TRISTÃO - NOITE

Mesmo com toda a gente a batalhar contra o incêndio, o fogo não dá sinais de recuar. VELASCO está na varanda e tenta rebentar a porta dos aposentos do patrão, atirando-se contra ela com os ombros. O teto da varanda começa a cair sobre o espanhol, que é obrigado a fugir.

De súbito, a porta do quarto de JUCA TRISTÃO rebenta pelo lado de dentro. Juca sai do interior, completamente envolto em chamas. Agita-se durante alguns momentos e cai de joelhos. O teto da varanda, em chamas, acaba de cair, soterrando-o sobre os escombros. Um estremecimento de horror atravessa todas as testemunhas. D. YÁYÁ grita e desfalece. TIAGO, pelo contrário, observa sem qualquer expressão.

153 - EXT. CASA DE JUCA TRISTÃO - MADRUGADA ≠

O fogo está praticamente dominado. No lugar onde ficava o quarto de Juca Tristão, vê-se um escombros de madeiras

queimadas e cinzas, com brasas ainda a arderem e crepitarem sob a acção do vento. Os rostos, suados e sujos de fuligem, estão desolados, cansados pelo esforço e apreensivos pela tragédia: o patrão está morto. Ouve-se o estalido das brasas e o ladrar de cães. ALBERTO aproxima-se de D. YÁYÁ que está sentada sobre as pernas, olhando os escombros.

ALBERTO

D. Yáyá...

D. YÁYÁ

Seu Alberto. O que vai ser de nós, agora?

ALBERTO

Seu marido vai tomar conta de tudo. Não se preocupe.

D. YÁYÁ

Eu estou falando de nós os dois.

Alberto demora uns instantes a responder.

ALBERTO

Eu também estou, Yáyá. Tudo vai mudar. Tudo tem que mudar.

A mulher olha-o, e depois fecha os olhos.

GUERREIRO e VELASCO, este de rifle ao ombro, aproximam-se por entre os escombros. D. Yáyá levanta-se.

Ao fundo da rua, vindo da sua casinhola, surge o negro TIAGO. Está sóbrio e tem nas mãos uma LATA que atira aos pés de Guerreiro.

TIAGO

Pode me mandar p'ra a cadeia, branco. Fui eu que botei fogo na casa e fechei as portas p'ra o seu Juca não sair.

Um silêncio pesado toma conta do ambiente. Os homens parecem não acreditar no que ouvem.

TIAGO

Me mande p'ra cadeia, branco!

A voz rouca de Tiago corta o silêncio, chamando a atenção de FIRMINO, que está por perto. Velasco avança para cima de Tiago e agride-o.

VELASCO

Seu negro hijo de puta!

TIAGO

Seu Juca se desviou. Ele estava fazendo dos seringueiros seus escravos. Tronco e espinha de peixe não se faz. A escravidão já terminou há muitos anos.

Firmino tenta dizer qualquer coisa.

FIRMINO

Seu Tiago...

TIAGO

(irado)

Me deixa, seu peste! Não foi por vocês que perdi a minha alma e vou para o inferno! Foi porque o seu Juca fez vocês de escravos. O negro é livre! O homem é livre!

(para Guerreiro)

Me mande matar, branco, eu não preciso de viver mais

Velasco tira o rifle das costas.

VELASCO

Vou hacer sua vontade, seu preto safado!

D. Yáyá interpõe-se.

D. YÁYÁ

Não faça isso.

VELASCO

Deixe o homem de lado, D. Yáyá, a senhora não tem que se meter nesse assunto...

TIAGO

(irónico)

Quer que eu ponha uma laranja na cabeça, branco?

VELASCO

Guerreiro, mande a sua mulher se afastar... você manda ou não manda nessa diaba, joder!?

Velasco aponta a arma para Tiago.

D. YÁYÁ

Não atira, seu desgraçado!

Velasco empurra a mulher com violência. Alberto salta sobre ele e os dois homens lutam, descarregando a raiva que acumularam entre si. Rolam pelo chão. Firmino tenta separá-los. Finalmente Alberto consegue desarmar o outro homem e levanta-se, com a arma na mão.

ALBERTO

Vá, Velasco. Tente tirar-me a arma...

Nesse momento ALEXANDRINO surge de outro lado da casa, já armado com um rifle.

VELASCO

Atire logo, Alexandrino, atire nesse hijo de puta.

Guerreiro puxa Tiago e D. Yáyá para longe da confusão.

ALBERTO

(para Alexandrino)

Velasco não manda aqui. Seu Guerreiro é o patrão agora.

VELASCO

No liga p'ra ele! Dispara, seu cobarde!

Alexandrino hesita. CAETANO e o ARGENTINO aparecem de outro lado, de rifles em punho. ROMUALDO e os DOIS IRMÃOS, surgem do lado oposto, também armados. A situação está muito tensa, com armas apontadas de um lado para o outro.

ALBERTO

Não é preciso haver mais mortes. Vamos com calma...

GUERREIRO

Mas o que é isto? Parem. Chega de loucuras!

Subitamente, Velasco salta contra Alberto e os dois rolam novamente pelo chão. Alexandrino começa a disparar contra os seringueiros. Caetano e o Argentino juntam-se-lhe de imediato. Os seringueiros respondem ao fogo. A confusão é geral, com toda a gente a correr e a fugir no meio dos disparos. Tiago, possuído por um demônio interior, atira-se a Alexandrino, conseguindo desarmá-

lo. Entretanto, Velasco consegue tirar a arma a Alberto. Ainda no chão aponta o rifle ao português. No momento em que dispara, Firmino salta e interpõe-se, levando o tiro pelo amigo.

ALBERTO
Firmino!

Velasco foge, disparando para trás. Alberto corre até à arma de Alexandrino, que está caída no chão. Agarra-a e, de joelho no chão, faz pontaria a Velasco. Dispara e abate o espanhol em plena corrida. Velasco dá ainda dois ou três passos antes de cair. Os disparos cessam de um momento para o outro. O silêncio é quase absoluto. Caetano sai de trás dos caixotes onde se tinha abrigado, de mãos erguidas. O Argentino segue-o de imediato. Tiago e Alexandrino levantam-se em silêncio. Alberto ajoelha-se junto de Firmino. O seu amigo está morto.

154 - EXT. PARAÍSO - DIA ≠

Vista aérea que começa sobre ALBERTO ajoelhado ao lado de FIRMINO; a câmara sobe e afasta-se revelando GUERREIRO abraçado a D. YÁYÁ; depois os OUTROS HOMENS que se aproximam lentamente; e finalmente a casa em escombros; antes de se perder sobre o rio imenso...

155 - EXT. RIO MADEIRA - DIA ≠

... onde a vista aérea continua, revelando o "Justo Chermont" que navega rio Madeira abaixo, em direcção ao Amazonas.

ALBERTO (V.O.)
A MINHA ESTADIA EM PARAÍSO PROLONGOU-SE POR
MAIS ALGUM TEMPO, ATÉ AS AUTORIDADES
ESCLARECEREM AS MORTES DE JUCA, VELASCO E
FIRMINO NUM INCÊNDIO.

ALBERTO está encostado à amurada do barco, olhando a selva que chega até às margens do rio.

ALBERTO (V.O.)
RECEBI NOTÍCIAS DE CASA. TINHA SIDO
AMNISTIADO. JÁ PODIA REGRESSAR A PORTUGAL.

Alberto vê uma pequena CANOA parada no meio do rio, à distância. Uma FIGURA está de pé na canoa.

ALBERTO (V.O.)

FIRMINO, O SENHOR GUERREIRO, TIAGO — ATÉ
D.YÁYÁ — JUNTARAM-SE POUCO A POUCO AOS
FANTASMAS DO PASSADO.

O "Justo Chermont" cruza-se com a canoa. A figura estática, de pé, é um VELHO ÍNDIO enrugado. Tem o CHAPÉU de Alberto.

ALBERTO (V.O.)

A SELVA, CONTUDO, NUNCA MAIS SAIU DO MEU
CORAÇÃO.

FIM